

BRASIL-PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1902

N.º 89

EMILIO ZOLA



† EM PARIS, A 29-9-902

O maior dos romancistas contemporâneos que, tendo nascido a 2 de abril de 1840, succumbiu a um desastre produzido por envenenamento de acido carbonico, no seu quarto de cama, da rua Bruzilas, em Paris. Sua esposa que pela mesma causa perdera os sentidos encontra-se em tratamento n'uma casa de saude. N'este momento todo o mundo culto, pela voz da imprensa, lamenta a morte d'este mestre incontestado da litteratura contemporânea, e considera-a como uma perda mais que nacional, porque a sentem todos os paizes. Portugal foi um d'aquelles em que o nome de Zola creou mais adeptos e a sua obra, em grande parte traduzida, produziu ao mesmo tempo admiradores do seu talento fecundo e detractores dos seus processos litterarios.

Política Internacional

Não é apenas nos grandes estados, que se debatem problemas de reivindicação nacional. Também as pequenas nacionalidades tem as suas reclamações insistentes, e são forçadas a obterem ás exigências, que outros grupos numericamente ainda mais reduzidos perante ellas formulam. É o caso da Dinamarca e do punhado de ilandezes que, perdidos na vasta ilha vulcanica dos mares do norte, não tem cessado apesar d'isso ha muitos annos de reclamar para elles uma administração autonoma, embora sujeita á suprema fiscalisação do governo de Copenhague. E tanto reclamaram, que conseguiram vêr realizados os seus sonhos politicos, graças á opportunidade, que se lhes deparou, de estar no poder um governo dinamarquez radical, que se prestou a acceptar o programma dos nacionalistas de Reykjavik. Também era de justiça, que assim fosse. Embora a população da Islandia não atinja actualmente cem mil almas, e embora a maior parte da grande ilha, que esta população habita, seja apenas um rochedo estéril, batido continuamente por furiosos tempestades, que mais ainda do que o clima lhe tornam o accesso difficil e a permanencia ahí quasi insupportavel, é certo que ella constitue um nucleo ethnographico de uma notavel cohesão e resistencia, dotado mesmo de excepcionaes aptidões para todos os progressos. Resto, insignificante pelo numero, de uma grande raça que conta na sua historia brilhantes e gloriosas paginas, os ilandezes modernos conservaram as fortes virtudes dos seus antepassados, entre as quaes avultam um intenso patriotismo e um amor sem equal á liberdade.

Ha bastantes annos, que os ilandezes reclamavam da Dinamarca certo numero de garantias e o estabelecimento do *self government*.

Os conservadores, que por tanto tempo estiveram no poder em Copenhague, negaram-se sempre a satisfazer as reclamações da islandia, até que finalmente o ministro continuado de Reykjavik pediu, de Deutzer resolveu conceder o que os ilandezes pediam. Ha alguns mezes o rei prometteu n'uma mensagem que os negocios ilandezes propriamente ditos ficariam a cargo de um ministro especial para a islandia, o qual deveria, entre outros requisitos, fallar e escrever a lingua islandeza e ter residencia permanente na capital da ilha. Agora o ministro islandez Alberti acaba, em desempenho d'esta promessa, de apresentar ao rei n'uma mensagem o esboço do tratado, segundo a constituição islandeza sejam introduzidas, entre outras, as seguintes modificações: o rei exerce, com as limitações prescritas na constituição, o poder supremo em todos os assumptos particulares da islandia, e exerce o poder intermedio de um ministro especial para a ilha. Este ministro não pôde accumular o seu cargo com qualquer outro cargo de ministro de diferente pasta, deve fallar e escrever islandez, e ter residencia em Reykjavik, podendo comtudo algumas vezes quantas forem necessarias ir a Copenhague para submeter á approvação do rei no conselho de estado as leis e demais resoluções governamentais de importancia relativa á administração da ilha. A proposta de lei ministerial augmenta o numero de membros do Althing de 30 a 40, dos quaes 6 serão nomeados pelo rei. Direito de voto pertence a todos os camponeses, que se occupem de agricultura e paguem impostos, a todos os cidadãos que não se encontrem em estado de domesticidade e paguem pelo menos 4 coróns de impostos annuaes, a todos os empregados e a todos aquelles, que sem serem empregados passarem por alguma prova academica. Para todos estes principia o direito eleitoral aos 25 annos.

Ao terminarem estas linhas vemos na *Gazetta de Colonia* um telegramma de Copenhague em que se noticia, que o Althing em Reykjavik approvou por unanimidade a proposta do ministro dinamarquez. Ficam assim satisfeitas as aspirações do sympathico povo islandez, a cujo patriotismo e virtudes cívicas a Dinamarca acaba de fazer justiça.

Apesar de na Alemanha official-se affectar perfeita tranquillidade a respeito da solidez da triplice-alliança, é certo, porém, que a propria insistencia com que os jornaes officiosos allemães affirmam a sua continução nas ultimas horas do passado, revela que a Alemanha mal disfarçada inquietação. Mas a imprensa officiosa va mais longe. Tudo lhe serve de pretexto para admoestar a Italia dos perigos que correrá, se abandonar os seus antigos aliados para se lançar nos braços de amigos novos. Ha poucos dias a *Gazetta de Colonia*, a proposito da visita de Victor Manuel a Berlin, fazia notar que a Alemanha é a unica potencia de quem a Italia nada tem que recear no Mediterraneo. A Inglaterra é a que a Italia nada tem que recear no Mediterraneo. Qualquer d'ellas, porém, é a antagonista declarada da peninsula, ameaçando-a, uma, de Gibraltar, Malta, Chypre e Suez, e a outra da Corsega, Toulon e Bizerta. Só a Alemanha é amiga des-nesse mar tem interesses puramente commerciaes.

anda a proposito da visita do rei d'Italia que grande folha rhemana dirige á sua alliada novos conselhos, d'esta vez por causa da attitude dos catholicos allemães no congresso de Mannheim.

Foi o caso que justamente quando Victor Manuel se achava em Berlin, este congresso, onde o partido ultramontano predomina, emittiu um voto favoravel ao restabelecimento do poder temporal do papa. «Eis ahí, o que vos espera, italianos, se vos lançardes nos

braços da França, a nação que é ainda hoje o mais forte baluarte do ultramontanhismo».

A *Gazetta de Colonia* concorda, que no momento actual o ministro francez é o inimigo do clericalismo. Mas quem sabe o que poderá acontecer amanhã, tratando-se de um paiz tão volovel como a França? Ora o advento de um governo nacionalista-clerical em Paris, o que não constitue nenhuma hypothese impossivel, seria uma terrivel ameaça á unidade italiana, e um perigo constante para a tranquillidade da peninsula. Só uma nação pôde salvar a Italia de semelhante contingencia — a Alemanha. Uma alliança com a França equivaleria para o paiz, que tem por capital «Roma intangivel», a um verdadeiro suicidio. Seria entregar o laborioso fructo de trinta annos de persistente reconstituição ao inimigo, que nem perdoou nem esqueceu o agravo da occupação de 1870.

E' esta pouco mais ou menos a linguagem não só da *Gazetta de Colonia* mas dos principaes jornaes allemães, que parece terem recebido sobre o assumpto a mesma palavra d'ordem. O que significa semelhante linguagem? Não é necessario ser muito perspicaz para atravez d'ella descortinar a inquietação, que va nas espheras officiaes allemães por causa da nova attitude da Italia. Tem-se e com justa razão que a politica italiana tivesse mudado de rumo, já cansada da ligação estéril, que ha mais de quinze annos mantem com os dois imperios da Europa central.

Guilherme II supplicou, ter para sempre jungido ao corao triumphal do imperio germanico a condescendente Italia, e no melhor dos seus sonhos, e com grave risco das suas mais acariciadas combinações, eis que a alliada com que contára incondicionalmente principia a cortejar outras amizades, e ameaça romper o pacto, que tantas vezes se proclamou dever ser eterno. E tel-o-hia sido talvez, dentro dos limites em que a eternidade deve ser comprehendida em politica, se a inesperada morte de Humberto I não houvesse roubado á triplice alliança o mais firme e o mais crente dos seus sustentáculos. Com esse, sim, podia a Alemanha contar.

Educação, tendencias naturaes d'espírito e caracter, ligações pessoais, tudo n'elle conspirava para o approximar do paiz, que foi por largo tempo o inspirador da sua politica. Com Victor Manuel o caso não se apresentou de igual natureza. Nunca se encontrou exactamente sob a influencia de Bismarck e de Crispi, os dois paranyphos da triplice. E por ultimo o casamento com a princeza do Montenegro, a filha do melhor amigo da Russia, fel-o naturalmente entrar no circulo das sympathias franco-russas. A Alemanha vê bem a situação e porisso não cessa um momento de a proposito do mais pequeno incidente agitar perante a Italia o espantalho do perigo transalpino.

O por para a França é que agora mesmo ella acaba de praticar um grave erro, que decerto va ser aproveitado em Berlin com alvoroço. Não ha duvida que o ministerio Combes, apesar do exito material alcançado na questão das congregações, entrou com o pé esquerdo. Cada dia a falta do sr. Waldeck-Rousseau se faz mais sentir. A apresentação ao parlamento do actual presidente do conselho, estarão todos lembrados, foi das mais infelizes; e comparava-se a galhardia do chefe do governo demissionario com a tibieza e frouxidão do seu successor. Depois, na execução da lei sobre as congregações, os proprios partidarios do ministerio confessavam, que se ella tivesse sido dirigida por Waldeck-Rousseau as cousas passar-se-hiam por outro modo, evitando-se mais de uma violencia inutil e até contraproducente. Por ultimo nota-se, que no tempo do anterior presidente do conselho o prestigio pessoal do chefe do gabinete impunha-se de tal maneira a todos os ministros, que apesar da tão diversa proveniencia de todos elles nunca maior harmonia reinou n'um ministerio; e confronta-se essa disciplina com o que actualmente está acontecendo. O general André, por exemplo, que, quando fazia parte do governo anterior, sempre se manteve na mais prudente reserva, dedicando exclusivamente a attenção á administração do exercito, principiou, apenas se emancipou da tutela do sr. Waldeck-Rousseau, a pronunciar discursos politicos inconvenientes, que sobretudo na Alemanha tem sido assumpto de severas apreciações. Como, porém, a attitude do ministro da guerra não fosse bastante para accarretar á França difficuldades internacionaes, entrou ultimamente em scena o novo ministro da marinha, o sr. Camillo Pelletan, e por tal maneira o fez, que o sr. Combes deve a estas horas estar bem arrependido da má inspiração que teve em o apresentar como seu collega ao presidente da Republica. O sr. Pelletan, que se occupou de uma vez com a Corsega e a Tuniz, pronunciou dois discursos, um em Ajaccio, e outro em Bizerta, nos quaes com espanto de todas as chancellarias, se dirigiu por fórma tão insolita á Italia, á Inglaterra e á Alemanha, que o *lulle loi* geral n'estas tres nações, sendo necessario, a acreditar os ultimos telegrammas, a intervenção do sr. Combes para desfazer o mau effeito e atenuar a impressão da incontinencia rhetorica do imprudente ministro. Não temos ainda a vista dos jornaes estrangeiros, que se occupam dos assumptos em causa, a avaliar pelo que a telegrapho no seu habitual laconismo nos dá, vê-se que a sensação produzida pelas objuratorias de Ajaccio e Bizerta deve estar fazendo passar um mau quarto de hora ao sr. Delcassé, que em geral, sobretudo quando se dirige ás nações grandes, costuma ser de uma notavel circumspecção.

Atravez da arte

Morta! ⁽¹⁾

Tenho o meu coração tão perturbado,
E os nervos tão doentes que nem sei
Como medir o que elle tem chorado,
P'ra poder dar aqui o qu'eu chorei!...

Lágrimas minhas e de toda a gente,
Como os meus olhos só hão-de vertel-as,
Sobre o cadáver branco da innocente
Que Deus levou p'ra junto das estrellas?!

Tremem-me as mãos no marmore bemdito
Em que o meu sônho treme de a encerrar;
E ao tentar essa bocca eu sinto um grito,
E os seus olhos desfazem-se a chorar.

Nunca a vi mas conheço-a; é como aquella
Que eu sonhei embalar nos braços meus
E que, se a morte me privasse d'ella,
Eu iria arrancar ás mãos de Deus!

Filha d'um grande sônho, como esta era
D'um grande amor, tambem n'um lindo lar,
A filha que em vão minha alma espera
Póde perdê-la quem a soube achar.

Se querer o ceu perto é um mau desejo,
E não é para nós a luz da aurora,
Porque é que Deus então viu esse beijo?
Como aos meus beijos, não o deitou fóra?

Desde que á vida creatura ou rosa,
Deus a lançou na benção que a incendeia,
Que elle dè tempo á flôr p'ra sêr formosa
E á alma p'ra ganhar o ceu que ancea.

Não é tirar á gente a filha bella
Só porque é um anjo e dos mais lindos, não!
Ella tem de levar p'ra o ceu com ella,
Dentro do seu o nosso coração.

Assim não vae completa para a altura,
Que d'ella fica muito, em nós, ainda,
No nosso sônho qu'inda a faz mais pura,
Na nossa angustia qu'inda a vê mais linda.

E como foi que ella morreu? Cercada
De quem amava, olhando se em seu pranto,
A cabeça lindissima encostada
Sobre o peito do pae, que a amava tanto?

Do outro lado do seu leito a mãe
Beija-lhe as mãos gentis e generosas?
Ella sorri? Nossa Senhora vem
Sobre a cabeça desfolhar-lhe rosas?

Ouve os hymnos que os anjos do Senhor
Cantam subindo a escada de Jacob,
Quando levam uma alma a todo o amor
E que deixam um corpo a todo o pó?

Vê os irmãos ao fundo soluçando,
E ella propria os anima e os conforta,
Vendo o que ha-de pedir para elles, quando
Subir ao pé do Deus depois de morta?...

Não! Morreu como a ave que homicida
Bala attingiu, ao alto, em pleno peito;
E que tinha tambem direito á vida
E á protecção do ceu tinha direito.

Foi assim, por um raio fulminada,
Sem o aroma ou prece em que se sente
Ir p'ra Deus toda a rosa desfolhada
E a alma no que d'elle tem a gente.

Não lhe deixou erguer as mãos, morrer
— Olhos no sol soberbo d'esse dia —
Balbuciando uma oração qualquer
Que, p'la primeira vez, entenderia.

Pela primeira vez! A gente deve
Fazer ouvir de Deus nosso gemido
Só no momento em que vae vê-lo em breve,
Como se a gente lhe falasse ao ouvido.

Seus grandes olhos põho-me a revê-los,
A sua fina mão sinto a na minha;
Alguem do povo cuida-lhe os cabellos,
Beija-lhe os labios frios a Rainha.

Oh divina mulher que a toda a magua
Corre levando a benção que é melhor!
E os seus formosos olhos cheios d'agua
Não podem ter mais agua e mais amor!

Pae d'essa linda e santa creatura,
Mãe do anjo do ceu que Deus lá tem,
Eu vou tambem á sua sepultura
Rezar comvosco e soluçar tambem.

E tu, meu nobre e grande camarada,
Deixa na alma a fé que ella continha;
E' tudo a vida eterna, o mundo é nada,
Que Deus perdôe a tua dor e a minha!

GUEDES TEIXEIRA

(1) Estes versos foram escriptos sob a impressão da desastrosa morte de D. Maria de Mello (Subugosa).



O novo bispo de Macau

Anriano nolani, pertencente a uma familia da primeira nobreza italiana, espirito culto, intelligente e illustrado, premiado em Theologia na universidade de Coimbra, D. João Paulino de Azevedo, o novo bispo escolhido para Macau, era arcebispo da Sé de Angra e director do seminario ao qual deveu sempre o maior respeito e que tudo lhe deve. Escolhido, dissemos, porque elle não pediu. Apesar dos seus merecimentos, de todos conhecidos, devesse a entrar hoje no principado da igreja Catholica.



Dr. Rodrigo Octavio Langgaard de Menezes

Poucas vezes se nos deparamos tão bons elementos para uma biographia, como succede n'esta occasião em que, mentalmente, passamos em ligeira revista os muitos factos que tanto illustram este brasileiro.

Ainda muito novo, tem-se todavia evidenciado em tão diversas feições, que d'elle poderíamos fazer separadamente as biographias de um estudante distinctissimo, de um poeta de raça, de um jornalista de pulso e correcto, de um escripta de eleição, de um escriptor de terno folego, de um homem publico sincero, prestimoso e honrado, de um advogado intelligente e probo, que faz da sua missão o mais elevado e sublime sacerdocio.

Rodrigo Octavio, que pode ufanar-se de uma genealogia de intelligencias superiores, nasceu a 11 de outubro de 1896, em Campinas, no Estado de S. Paulo, onde seu paé exercia a profissão de advogado, em que mais tarde se destacou e chegou a ser o primeiro do Estado. Foi neto do dr. Theodor Langgaard, illustre medico dinamarquez, que viveu longos annos no Brasil, onde falleceu em 1893, tendo deixado muitos livros sobre medicina, os quaes, a despeito da rapida evolução da sciencia, ainda hoje são citados com respeito e consultados com confiança.

Foi, por certo, inspirado na estatura intellectual dos seus maiores, que elle se dedicou aos estudos superiores, e, por tal forma se tem havido, que é flagrante a victoria alcançada em toda a sua brilhante carreira. Fez os seus estudos secundarios no Rio de Janeiro, e formou-se em direito na faculdade de S. Paulo, onde logo se manifestou o seu grande poder intellectual pela facilidade com que conseguiu tornar-se simultaneamente distincto nos aulas, na litteratura e na imprensa, collaborando em varios jornaes, especialmente no DIARIO MERCANTIL, cujas columnas se honravam com os nomes mais festejados, e publicando o seu primeiro livro de poesias, que intitulado os PAMPANOS.

Logo depois da sua formatura, publicou uma nova collecção de poesias, que denominou POEMAS E IDILIOS, escreveu em varios jornaes do Rio de Janeiro chronicas e contos que fariam varios volumes, e publicou na TRIBUNA LIBERAL o romance ARISTO, que mais tarde mereceu nova publicidade em separado.

Seguidamente entrou para a vida publica, e, sendo nomeado Promotor Publico na comarca de Santa Barbara, no Estado de Minas Geraes, alli encontrou campo para novos estudos, compulsando os archivos e colligendo novos elementos para a chronica da extração do ouro e dos diamantes n'aquella riquissima região, acerca do que tem publicado trabalhos de valia incontestavel. N'essa occasião, a sua inculcavel actividade produziu ainda os SONHOS FINESTROS, drama em verso, em 3 actos, de assumpto colonial, que depois foi editado no Rio de Janeiro.

Passou a exercer, successivamente, os cargos de juiz substituto da comarca de Iguaçu, e de juiz municipal e de orphãos na da Parahyba do Sul, que resignou porque, depois de 15 de novembro, e reorganizada a justiça do Brasil, foi nomeado Procurador da Republica no Rio de Janeiro, desempenhando-se das respectivas funções até 1894. N'essa época, o dr. Prudente de Moraes que, ao assumir o governo do Brasil e com o bom criterio que sempre lhe foi attribuido, procurou rodear-se dos homens que mais se impunham pelo seu valor absoluto, nomeou-o Secretario da Presidencia da Republica.

Em 1895, deixando este cargo de alta confiança, abriu escriptorio de advocacia no Rio de Janeiro, exercendo até hoje essa nobre profissão, com a gloria de ver as causas mais importantes confiadas á sua muita competencia.

E, como se tanto não bastasse, dedicando-se sempre ás letras e aos estudos da sua especialidade, tem publicado mais obras litterarias e de Direito, entre as quaes, DOMINIO DA UNICO e DO ESTADO, monographia premiada com uma medalha de ouro pelo Instituto dos Advogados Brasileiros, OS SUCCESORES DE ABRIEL FERREIRA A JUSTIÇA, ACCÇÕES, DIVISÕES E DEMARCAÇÕES DE TERRAS, CONFRONTO DAS CONSTITUIÇÕES PEDREBAS E DIREITO FEDERAL, FESTAS NACIONALES, livro de educação civica, de que se tem esgotado muitas edições, e, ainda ultimamente, na «Gazeta de Noticias» e sob o pseudonymo «João das Neves», os folhetins semanaes, de grande successo, intitulados O FOGO POR DENTRO E POR FORA.

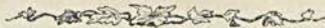
Collabora tambem assiduamente na «Revista Brasileira», de José Verissimo, onde tem publicado varios estudos e novellas, entre as quaes, o romance BÓDAS DE SANGUE, e, tendo-se dedicado muito, nos ultimos tempos, ao estudo da historia colonial do Brasil, publicou a CHRONICA DE FELIS-

BERTO CALDEIRA, o celebre cont actador de diamantes, e, no JORNAL DO COMMERCO do Rio de Janeiro, a BALAIADA, chronica da revolução dos Balaios no Maranhão.

O dr. Rodrigo Octavio é professor, desde 1895 da Faculdade livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, honorario do Ilustre Collegio dos Advogados de Lima (Perú), membro e secretario da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Historico Brasileiro, correspondente da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, e da Academia Nacional de Historia, de Venezuela.

É um chefe de familia exemplarissimo, e um dos vultos mais notaveis do Brasil contemporaneo.

A sua viuda a Lisboa, onde actualmente se acha, obedeceu ao desejo de visitar sua irmã, a ex.^{ma} sr.^a D. Hermantina Langgaard de Menezes Pontes, uma das senhoras mais elegantes e de mais finos dotes de espirito e de intelligencia da nossa primeira sociedade, e seu cunhado o sr. M. da Silveira Pontes, consel. geral do Brasil n'esta capital.



Dr. Sítiriano Brandão

Vice-Presidente eleito
da Republica dos Estados-Unidos do Brasil
† em Bello Horizonte a 25 - 9 - 902

Devia tomar posse do alto cargo para que fôra eleito, no proximo mez de Novembro, mas a morte não lh'o consentiu. Filho das Minas Geraes, a cujo Estado dedicou sempre toda a sua actividade e toda a sua influencia, tinha até uma grande popularidade que se estendeu depois a todo o paiz, a ponto de o honrarem com a eleição de Março.



CORONEL AVELLAR TELLES

Este illustre official superior da administração militar é um funcionario distinctissimo, cuja intelligencia e correção de proceder o apontam agora para interinamente exercer o alto cargo de Inspector Geral dos Impostos n'um periodo difficil.

Intransigente sempre, como funcionario só conhece a lei, e como homem só conhece o dever.

Pierre Viala

A proposito da sua visita a Portugal

A VERDADE manda Deus que se diga: e, ácerca do illustre francez que nos visitou, a primordial verdade é devermos-lhe a elle a possibilidade de se beber ainda bom vinho, neste triste valle de lagrimas em que vivemos. Esse nectar de origem divina fabricado no velho Olympo e trazido depois á Terra para deleite e beneficio da gentilha, desapareceu um dia com a vinha vencida e morta pela Phylloxera, enviada do Averno.

Tentou o Homem defender a sua riqueza, a alegria da sua miseranda vida, a ambrosia que lá das regiões etheras desceira até elle. Lutou com denodo, com tenacidade; dirci mais, com o fanatismo com que se pejeia nas guerras de religião.

D'um lado elle, pelo sangue do seu torção, pelo calor dos seus dias de frio, pelo verde risonho das suas paesagens, pela sua fonte de praser e de força... do outro lado a Phylloxera incoravelmente devastadora e triste, symbolo da Desolação e da Pobreza e da Morte, passando como fogo pelos viridentes pampanos, transformando-os em resequidos esgalhos que se erguiam ao Céu em contorcidos estorpos pedindo o auxilio da misericordia divina.

Compadeceram-se os deuses e, como *gesta dei per francos*, foi pela França que enviaram ao mundo a Salvação. Germinou então no espirito d'alguns homens d'aquelle paiz a ideia de replantar o aniquilado vinhedo europeu com a vinha selvagem que tão gallardamente vegeta na America, a despeito das investidas da Phylloxera.

Formulada a ideia, logo foi posta em execução, importando-se do Novo Mundo toda a casta de cepa que desse uva capaz de produzir vinho. Ora succedeu que não só tal vinho era de gosto differente d'aquelle a



Pierre Viala

que estamos habituados, mas que taes qualidades de vinha se deixavam ao fim d'um certo tempo vencer pela phylloxera e pela nostalgia da terra patria.

O desanimo foi grande; e os sabios francezes do tempo, — á frente dos quaes o grande chimico Dumas, — mais incitavam essa descrença teimando em continuar uma improuca lucta por meios varios, vãos e arredando a opinio publica do verdadeiro caminho.

Entretanto a ideia proseguia, — pois se era vontade de deuses! — e n'alguns espiritos se enraizava a ponto de que o voto firme e cabal de varios conselhos geracos e associações agricolas, obrigou o governo de então a intervir no assumpto.

Um d'esses pareceres, appoio pelos deputados da região d'onde provinha, indicava o nome do sr. Viala como devendo ser o agronomo escolhido para desempenhar a missão de ir á America do Norte vér se poderia descobrir e trazer castas de vinhas resistentes á phylloxera e adaptaveis aos terrenos francezes. O ministerio da agricultura teve que ceder, mau grado seu, mas com a fagueira esperanza de vér enterrada por uma vez a revolucionaria invenção da cepa americana salvadora, e com ella o sr. Viala, esse moço desconhecido, que se atrevia a contrariar os grandes principios dos altos poderes scientificos do seu paiz.

A dotação para a viagem d'estudo foi pequenissima e essa mesma demorada e mal paga propositadamente, para inutilizar a missão

Cá e lá, meus amigos, más fadas ha! Estou a lembrar-me de uma historia succedida á missão portugueza, — essa commercial-agricola — que ha annos foi á America do Sul.



O professor Viala visitando as vinhas da Liga Vitícola de Salvaterra de Magos

O sr. Viala, joven bacharel em sciencias, diplomado pelo Instituto Agronomico de Paris, partiu para os Estados-Unidos, cheio de santo ardor pelo trabalho que lhe era committido, no qual Jogava a sua carreira e do qual dependia o futuro da viticultura.

O sr. Viala foi o braço de Deus, foi o Seu divino gesto em favor dos vinhedos europeus!

Chegou á America, e, em sete mezas, viu e venceu! As suas peregrinações e aventuras durante esse tempo, muito d'elle passando no territorio indio, entre as tribus indigenas, tendo que se ada-



Um dos edificios da Liga Vitícola

ptar aos seus usos e costumes para salvar a vida, davam para narrativas emocionantes e interessantissimas.

D'essa jornada através dos estados da republica americana do norte trouxe o sr. Viala as cepas que serviram de base a toda a reconstituição da viticultura da Europa, trouxe o famoso livro que o collocou na vanguarda dos benemeritos e dos sabios — *Une mission viticole en Amérique* — e trouxe terriveis febes adquiridas na permanencia de semanas entre paizes e pantanos, percorridos muita vez com agua até á cinta. Regressando a Paris de volta d'essa cruzada *pro vitis*, teve de ser



Grupo de convidados visitando as vinhas
Adiante caminha o sr. Ignácio Rebelo d'Anadia socio gerente da Liga;



O professor Viala e os convidados da Liga Vitícola de Salvaterra de Magos

transportado em braços do comboio até sua casa, onde ficou entre a vida e a morte durante longos meses.

Deve-lhe ou não a viticultura em especial e a economia dos paizes vitícolas em geral, assignallado e inoidivavel serviço?

Mas a sua obra não parou ahi e não parou ainda.

As castas de videira resistentes á *Phylloxera* introduzidas no Velho Continente pelo sr. Viala, não davam fructo capaz de fazer vinho. Era preciso completal-as com enxertos de qualidades europeias.

Como se comportariam em determinados solos? Quaes as cepas indigenas que melhor se adaptariam a este ou áquelle porta-enxerto americano? Quaes os cuidados culturais?

Quaes as melhores variedades dentro da mesma especie e na mesma variedade qual a forma digna de preferencia para um solo A e para um solo B, para a cepa X ou para a cepa Z?

Para responder a todas estas perguntas, para esclarecer todos os assumptos apontados, o sr. Viala foi incançavel obreiro, organizando e multiplicando estações de ensaios em todos os pontos da França e trabalhando elle mesmo com aficco e notavel methodo no campo experimental da Escola Nacional de Montpellier onde ao tempo era professor.

D'essa campanha proveiu o livro — *La vigne americane* — tão proveitoso, tão elucidativo, que a convite do editor portuguez sr. M. Gomes não hesitei em traduzilo — additando-o com esclarecimentos referentes a Portugal, consenjo de que prestava um verdadeiro serviço á economia vitícola do meu paiz.

Mas, n'este campo ainda não está dita a ultima palavra e o sr. Viala constantemente na brecha percorre a França vitícola quatro vezes em cada anno, como Inspector Geral da Viticultura, estudando e ensinando, investigando e fazendo obra de propagandista, n'um verdadeiro apostolado, do qual resulta o resurgimento d'esse esplendido vinhedo gaulez exemplo e ensinamento de todo o mundo vitícola.

Da America porém vieram outras molestias com a vinha salvadora; menos graves, é certo, do que a *Phylloxera*, mas capazes de chegarem aos mesmos resultados funestos se as deixassem progredir em liberdade.

Logo o sr. Viala, primeiro no seu gabinete de nosologia vitícola de Montpellier, depois no do Instituto Agronomico de Paris, onde hoje é um dos mais notaveis professores, foi procurar as origens dos males e achados elles investigou-lhes o seu segredo evolutivo com o fim de colher os elementos precisos para organizar a defeza da preciosa planta.

Sobre este thema especial tem elle o livro classico — *Les maladies de la vigne* — grosso tomo illustrado a cores onde os vinhateiros aprenderam a atacar os *morbas* variados que se supunham em estragar-lhes essa obra colossal da replantação que tamanho esforço economico e intellectual representa. Além d'esse trabalho sobre nosologia vitícola, tem outros muitos — e um até recentissimo — publicados na sua *Revue de Viticulture*, sem duvida uma das primeiras publicações periodicas agronomicas da França.

O sr. Viala não limita a investigação vitícola ao seu paiz.

E a prova está n'esse monumento scientifico que se chama — *L'Am-*



Vallado — A caminho de Escarpón

ptographie Universelle — em via de publicação, e que elle dirige com uma mestria indiscutivel e incontestada.

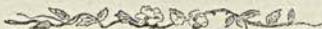
Repetidamente sabe para o estrangeiro, umas vezes convidado pelos governos como por exemplo para a Bulgaria, outras movido apenas pela sua acia de saber, como por exemplo para Portugal.

Em toda a parte é recebido com jubillo por quantos sabem — e são todos — qual a Obra verdadeiramente grandiosa que se lhe deve debaixo de varios pontos de vista.

A nossa terra, paiz de vinha, honrada com a visita do illustre francez, acolheu-o da melhor forma: desvendando-lhe os thesouros vitícolas que possui, fazendo-o commungar com as preciosidades incomparaveis dos seus vinhos. São esses os bens, as riquezas com que a Providencia dotou Portugal e que por completo lhe teriam sido roubadas pela *Phylloxera* se a França não tivesse inventado o sr. Viala e se o sr. Viala não fosse tocado pela inspiração divina na sua viagem aos Estados Unidos.

Gesta dei per francos!

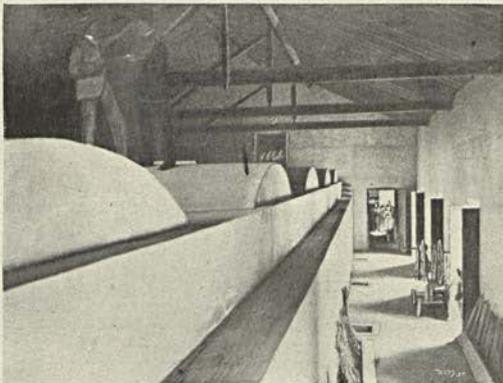
D. LUIZ DE CASTRO.



O amor materno é uma paixão que não conhece limites, mas que honra a natureza.

O que se dá pedido e rogado, já custa tanto como comprado.

Economisa, para quando cheguem as necessidades ou a velhice,



Adega deposito da Liga (contém 150 pipas de vinho e mede 80m X 15m)

tão quanto poderes; e lembra-te sempre de que o sol que nasce de manhã não dura o dia inteiro.

Para viver na abundancia, não é necessario augmentar as riquezas, basta moderar os desejos.

O trabalho é a origem da moralidade, assim como a caridade a verdadeira base da religião christã.

O melhor livro de moral é a consciencia, e nenhum ha que menos consultado seja.

Quem se deixa colher n'um accesso de colera, sujeita-se a que todos o vejam atravez de um microscopio.

Lamentar excessivamente as desgraças é loucura; mostrar indiferença a tudo é insensibilidade bruta.

O amor filial é uma diminuta porção que restituimos do dinheiro que nos emprestaram.



A tragedia de Cascaes

Dá-se um phenomeno extraordinario com os espectaculos que mais profundamente emocionam a alma: fixam-se na retina ou no ouvido d'aquelles mesmos que os não presenciaram, como se a intensidade do sentimento, despertado por um caso tragico, transfornasse esse sentimento em sensação, e desse uma tal acuidade aos sentidos, que os fizesse actuar como se recebessem uma vibração immediata e directa.

Assim, eu tenho impressas no olhar, como se as tivesse visto, essas duas phisionomias torcionadas pela dor, uma fulminada já p a morte, a outra, ensopada em sangue, n'uma expressão de terror e de espanto, que não se poderia dizer se sobre ella pairava a morte ou a loucura.

«Salve-me a minha filha, salve-me a minha filha; não, a minha filha não está morta.» São estas palavras, em que o maior martyrio humano encontrou a sua formula pavorosa, que eu tenho gravadas no ouvi-lo,



A sr.^a condessa de Sabugosa e suas duas filhas
A mais velha D. Maria de Mello (a 20 - 9 - 902)

como se ellas tivessem ferido toda a minha sensibilidade, e se não calhasse ainda a sua ultima vibração dolorosa.

E porque não havia de perturbar todas as alegrias, de estancear risos e provocar lagrimas, esta tremenda catastrophe que enlutou uma familia querida e emocionou uma sociedade inteira?

A intensidade da dor que um determinado acontecimento produz, a perturbação que os corações experimentam em presença de um caso sensacional, é claro que são determinadas por elementos de muita ordem, por multiplos factores de diversa natureza, e nunca tantos se conjugaram para vibrar e ferir a sensibilidade publica.

A elle toda a gente lhe quer. A velha nobreza do reino tem no conde de Sabugosa um dos seus representantes mais puros e mais lidimos. A fidalguia das suas maneiras, a simplicidade da sua vida, a atmosphera que se faz em torno de uma recta consciencia, e que elle soube espalhar em volta da sua, tornam-n'o por igual querido de todos.

Tendo preparado o espirito com um curso universitario, conseguia liberal-o de todas as peias e velharias que são, não raro, materia adicta, ou antes a poeira d'aquella estrada, deu-lhe a mais aprimorada cultura moderna, envolveu-o n'um ambiente de fino gosto e de pura arte, e de tal fórma soube fundir na propria individualidade o homem de cor, e o chefe de familia, que o seu lar modelou tinha o que quer que fosse de invejavel, lar em que a felicidade residia em toda a sua plenitude, que o mais meticoloso e apurado bom gosto subtilisava em requintes de arte decorativa, d'essa arte de evocação historica, de bom tom e de conforto, que já illustrou algumas paginas do Brasil-Portugal, lar venerando em que o homem de sociedade exerce

o forte e delicado poder de simultaneamente vasar as joias do espirito em moldes litterarios de encantadora poesia e as joias do coração em affectos de esposos e ternuras de pae, lar affecto á tradição exemplar das casas nobres e ás mais aprimoradas elegancias da vida de corte, lar em que a mãe, como as altas damas do patriciado romano, exemplifica todas as virtudes e cria em torno da sua figura serena e doce uma atmosphera perfumada de bondade e de amor, lar que a mocidade dos filhos dava uma vivificante frescura de primavera, elle, o rapaz, o virão, o continuador das tradições de familia communicando-lhe a alegria de uma ridente esperanza, ellas, as irmãs muito amadas, enchendo, esmaltando esse lar com os thesouros da candura e da emotividade feminina, flores d'abril a inebriar-o com os seus aromas, aves da madrugada a insuflar-lhe com os seus cantares, vida, luz, alma, alegria...

E ainda, para completar o quadro, que nenhuma tela saberia reproduzir em todo o encanto da sua poesia, e em toda a sua influencia benéfica, lançando o seu mais bello sorriso de avó para o grupo formoso, a figura da nobre marquezã, evocando nos sulcos do rosto os lutos do coração e as amarguras da saudade conjugal, que a affeição dos filhos e os carinhos dos netos encantadoramente procuravam dissipar.

E não havia desgraça tamanha de causar tamanha dor! Que brutalidade é essa do Destino que vem de chofre enlutar esta familia, desfazer este lar, estilhaçar esta felicidade, converter em maldição e blasphemia o que parecia ser a formula humana de uma benção do céo!

Que atrocidade é esta da sorte cega e injusta que escolhe o mais affectuoso dos paes para o golpear no coração, a mais bondosa das mães para lhe arrancar, n'uma selvageria de fera, o ente querido da sua alma! Que insondavel mysterio é este que de subito nos faz crer que não existe uma Providencia Suprema, ou se existe, que ella nos seus desígnios determina que a reneguem ou que a maldigam! Se ha almas ou corações que para se purificarem carecem de uma prova terrivel, porque não desce ella de preferencia no fundo d'esses antros mores e não os redime pelo soffrimento, pelo martyrio? Para que vem ella escolher uma alma de eleição, uma doce creatura que em effluvios de amor e extremos de bondade não sabia senão reflectir o sorriso de Deus, e de um golpe annihilal-a, e precipital-a no infinito do abismo como precipitou os que hão de choral-a sempre no infinito da dor? Para que ha de ella torturar, esmagar toda a vida de um homem de coração, de talento e de honra, que perde na crise amargurada da saudade pela filha que perdeu, esquecer o fervor da crenga religiosa e repetir com outro poeta, irmão lécito do seu espirito e da sua desventura:}

A Providencia

Tem garra para mim: rouba-me os filhos.

E ali tem como foi profundo por que foi sincero o abalo que o caso tragico de Cascaes imprimiu em todos os corações. E o primeiro a estremecer de piedade foi o da Rainha, porque esse era o que mais de perto palpitava junto da familia enlutada. A gentileza angélica d'essa rainha desenvolvera-se, abriu-se, quando por assim dizer, em plena mocidade, a Rainha começava a espalhar em terra portugueza, que ella mais ainda pelo coração que pelo casamento adoptara, todos os effluvios da sua alma de mulher, todas as graças da sua formosura, e todos os requintes da sua bondade. Ninguem como ella, tambem esposa, mãe tambem, sabia pensar os thesouros de affecto, affecto pelos seus, pelos bons, pelos desfavorecidos da sorte, pelos humilhes, thesouros que se accumulavam n'esse coração de criança e de mulher, de criança no que tinha de mais innocente, de mais simples, de mais celeste, de mulher no que havia de mais ponderoso, de mais proporcionado, de mais nobre e de mais bello. A Rainha ia dia a dia tateando essa fina sensibilidade, aspirando os aromas d'essa flor, repartindo com essa criança affectos e sorrisos que só podem comprehender duas almas que se irmanam. A Rainha queria-lhe como a uma irmã mais nova, escrivita-lhe os desejos, adivinhava-lhe as intenções, e nenhuma havia que lhe não merecesse o premio de um sorriso, que era uma approvação. Mal cuidava a nobre senhora, a bondosa princeza, que ao satisfazer um d'esses pequeninos desejos, ao offerecer uma elegante *charrette* a sua juvenil amiga, ia n'ella a morte, a destruição de uma gentilissima mocidade, o desamparo e a tortura dos que ficavam a choral-a!

Ha lagrimas que se não estancam. Ha dores que se não acalmam. Estas são as dores que os paes devem soffrer, as lagrimas que hão de a toda a hora derramar. Mas, se a Providencia cerrou os ouvidos quando o pae afflicto, ensanguentado, abandonado n'uma estrada, lhe pediu consulo a salvação da sua filha, todos os corações se abriram á sua dor, todas as almas vieram acompanhar a sua no luto e na saudade, e não houve olhos encanados quando desfilou para o emittido e cortejo que ia lá deixar o cadaver estremecido. Sejam essas lagrimas da multidão o refugio dos corações lanceados dos paes, a consolação unica — se alguma na terra ainda pode haver — para tamanha magua.

JAYME VICTOR.

A 1:800 metros de altitude

UMA ESTAÇÃO DE VERÃO SUISSA



Dez dias de uma longa e desagradável viagem, quasi picecta, do sul ao norte de Italia, encontramos, por uma linda manhã de Julho, sobre a banqueta de uma *extra-poste* suíssa, das que fazem serviço desde a fronteira italiana até ás altas montanhas do cantão dos Grisons.

Tínhamos deixado Roma com 36 graus á sombra. Iamos á procura de St. Moritz, na Alta Engadina, onde nos diziam gozar-se 12 graus ao sol...

Para lá começo a subir a carruagem, n'aquelle doce balancear das diligencias suíssas, tão ador-

meceador e bucolico como o cantar das cascatas, que de todos os lados despenham as aguas do degelo; e tão cheio de poesia, que não ha coração que não palpite nem olhos que não se encantem, ao ouvir-lhe o

E é para nós uma estranha aparição essa, ao pôr do sol!

Depois de seis horas em plena natureza, quando o cansaço e o frio começam a subjugar-nos, aquella aparição repentina da civilização mais requintada socorre-nos... Creados de casaca vemos ver-se chegarem hospedes, começa a luz electrica a apparecer aqui e ali, nas duas mil e tantas janellas do hotel, ouve-se lá dentro uma orchestra que toca uma valsa, e atravez as vidraças do *hall* avista-se, em pose de illustração ingleza, um par elegante, que firta, a fazer horas para o jantar...

Mas o chicote estala e aquella amostra de civilização breve nos fica a perder de vista!

Começa então o caminho plano, á beira dos lagos. Durante mais duas horas, ininterruptamente, a carruagem trota quasi ao lume de agua. Durante mais duas horas, lado a lado nos acompanham os tres lagos de Maloia, Sils-Marie e Silvaplana, lagos que a mais nenhumas se



St. MORITZ no verão

guisalhar dos cavallos, os estallos do chicote e as canções do cocheiro, e ao ver que bem se casa o seu aspecto, antigo e poeirento, áquelles caminhos, e arvoreza, e neves, onde, por mais que o homem trabalhe e talhe, é sempre a natureza, em toda a sua grandiosa e secular belleza, que se limpa e que nos prende!

Por lá fomos subindo, e lá em baixo deixando os prados verdes de Chiavenna, e mais acima as casinhas brancas de Vicosoprano; e depois nos ficaram aos pés os ultimos pomares e terras lavradas; as ultimas arvores de fructo disseram-nos adeus; os proprios rebanhos de carneiros não puderam acompanhar-nos.

E entrámos, a subir sempre, na região dos *sapins*, onde já nos fustigava o rosto o vento frigidissimo das geleiras e começavam a abrir-se para nós as flores frias do *edelfeiz*.

Já se perdiam, lá em baixo, na penumbra, os vales a que antes subiramos, e a agua das cascatas, que antes nos vira de alto, tombava agora a nossos pés!

Depois de seis horas de subida continua, uma volta do caminho põe-nos á entrada de um novo e immenso valle.

— A que altura estamos?

— A 1:800 metros, responde-nos o cocheiro.

Era o valle do Inn, o mais alto valle da Suíssa, conhecido pelo nome de Alta Engadina, onde corre o rio d'aquelle nome e se abrem os quatro lagos de Maloia, Sils-Marie, Silvaplana e St. Moritz.

Logo á entrada do valle, surdindo do chão como um castello de fadas, á beira de um lago de sonho, triste e verde, eleva-se o luvoso hotel Maloia.

comparam, porque n'elles se espelham quasi apenas cumes brancos de neve, porque os não debruam chalets nem *villas*, e porque as suas margens e as suas aguas são tão quietas, tão extranhamente quietas, que parece que n'ellas se suicidou Ophelia, e ellas a guardam ainda, religiosamente, receiosas de a descompir!

A sua beira cahiu a noite sobre nós.

O vento resfriado entre as neves certava-nos a pelle. As proprias estrellas pareciam tremer de frio. O alcool que tomavamos nas povoações onde paravamos não conseguia aquecer-nos. Começavamos assim a enfadar-nos, quando, de repente, no meio da noite, uma cidade incendiada em luz electrica e reflectindo-se nas aguas de um lago, nos appareceu!

Estregámos os olhos, com receio de que tudo fosse um sonho. Mas a voz do cocheiro acordou-nos para a vida e abriu-nos as portas da realidade:

— St. Moritz!

St. Moritz foi descoberto ha 15 annos. Ha 20, apenas dois ou tres chalets tóccos, de madeira, se erguiam desoladamente á beira do lago.

Parece que uns doentes com alto do sanatorio de Davos-Platz, tendo passado uma temporada em St. Moritz e descoberto que o clima era secco de verão e de inverno, que altas montanhas o temperavam e fontes de agua rica em acido carbonico o serviam, fizeram tal *réclame* á sua descoberta, que, em pouco tempo, de toda a parte começaram a

subir até lá dezenas de pessoas e hoje já lá se erguem, em vez de tres chalets, oito hoteis podendo comportar 300 pessoas cada um e mais de vinte podendo comportar 100 hospedes!

Corre-lhe aos pés o Inn e cercam-o as montanhas de Bemind, Languard, Hansee, Diavolezza, etc.

Tem dois serviços de posta muito bem montados, um do lado de Italia, que liga St. Moritz com a estação do caminho de ferro de Chiavenna, outro do lado de França, que o liga com a estação de Thusis, na linha que vai dar a Zürich e a Lucerna. De ambos os lados ha diligencia tres vezes por dia.

St. Moritz divide-se em St. Moritz-Bad e St. Moritz-Dorf, o primeiro no lumb do lago, na planicie, cercando o rio, o segundo 100 metros mais acima, em amphitheatro sobre o lago e ligado ao primeiro por uma estrada magnifica que um serviço de *tramsways* electricos transpõe em 5 minutos.

St. Moritz-Bad, onde, como se deprehende do seu nome, estão situados os banhos, apenas é habitavel de verão. De inverno a neve cobre-o e nem os elegantes e imponentes edificios dos hoteis *Iturhaus, Victoria, Eugodine, Stalbad e Lac* podem ser abertos.

E' então que St. Moritz-Dorf tem verdadeiramente a sua hegemonia e que o seu elegantissimo *Hotel Palace* se enche com um publico dos mais distinctos, que allí vai procurar, confortavelmente, os allivios, que em especial aos pulmões, traz a grande altitude e o clima secco. Coisa extraordinária! Esse clima é de tal maneira secco, que, em pleno janeiro, quando a neve prateia toda a *payageme*, os hospedes do *Palace* passavam de noite, ao ar livre, em *smoking*; e as senhoras com um simples challe sobre os hombros!

Mas quando St. Moritz é verdadeiramente brilhante, é durante o verão, de 15 de julho a 15 de setembro. Então o Bad e o Dorf enchem-se, nos mais modestos hoteis se disputam quartos, e as listas de estrangeiros accusam os nomes mais illustres da America e da Europa.

Então a paisagem é terna e a primavera duradoura. As aguas do lago conservam em geral uma grande quietação, por ellas siagram barquitos a remos e *gyssnes*. Ao fundo elevam-se os edificios de St. Moritz-Bad, todos de construcção moderna, leves, obedecendo em geral ao estylo suizo, com varandas e beirades de madeira, e sobre todos tremulando o pavilhão vermelho com a cruz branca. Corre-lhe a meio uma avenida alegre, toda debruada de bazares de madeira, e um tanto à *la diable*, mas dentro dos quaes se vendem as joias mais ricas, as pelles mais caras, o bric-à-brac de mais cunho. A razão é simples. Todos esses bazares são succursas das grandes casas de Paris, de Roma, de Berlim e de Londres.

N'esse fundo se move a cosmopolita e escolhida sociedade dos *bahistiás*.

A vida que se faz em St. Moritz é pouco mais ou menos a que se faz em todos os sitios do globo, onde se combinou encontrar-se a sociedade elegante... para se tratar...

Não tivesse a natureza fornecido esses sitios de ar tão puro, que



SILVAFLANA — Um dos arredores de St. Moritz

basta respirar-o para respirar saude, e os *doentes*, que para lá vão, voltariam moribundos... Porque a cosinha dos hoteis e a successão das valvas bastariam para dar cabo d'elles.

Dissemos que a estação de verão começava a 15 de julho e terminava a 15 de setembro. A *grande-saizon* é porém de 1 a 30 de agosto.

E' então que os hoteis entram em verdadeira competencia. Durante quinze noites, quasi ininterruptamente, ha um *cotillon* em cada hotel cotado. Facilmente se constitue um *comité* de senhoras, que facilmente cobra uns poucos de mil francos, e o *cotillon* organisa-se, com prendas vindas de Paris e ceia com champagne. Este anno, por exemplo, seria difficil dizer qual d'essas festas esteve e mais brilhante, porque todos os hoteis possuem salões luxuosissimos, em todos se viam para cima de 1500 pares valsendo, e em todos a animação e a esthetica deram as mãos, na mais bella harmonia!

Mas não é só nos *cotillons* que os hoteis rivalisam. No *Palace* improvisou-se um theatro e uma recita Luiz XV? Logo no *Stalbad* se organisou um *bal-de-tétes*; no *Iturhaus* uma batalha de flores; no *Lac* um *cotillon* infantil; no *Kalm* um concerto, etc., etc. Não falamos das festas extra, porque St. Moritz, durante a *grande-saizon*, é uma festa pegada!...

Realisam-se todos os annos, nos terrenos do *Kalm*, um torneio internacional de *tennis*, e outro de *golf*, que duram varios dias, porque n'elles tomam parte numerosos jogadores de ambos os sexos.

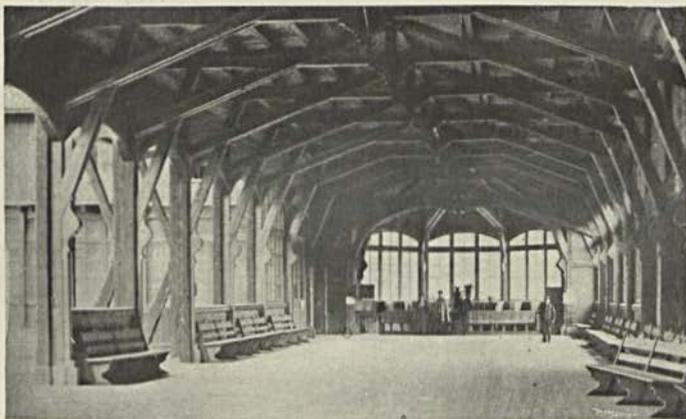
Todas as manhãs ha um excellente concerto no *Trinkhalle*, pretexto para se mostrarem as mais modernas *toilettes* de manhã... Durante o dia ha concertos no *hall* de todos os hoteis, e então se mostram as mais lindas *toilettes* de passeio e de visitas... A' noite, os salões de jantar são verdadeiros museus de estofos e de joias, porque ahí se apresentam a porta as mais custosas *toilettes* de baile...

Dizia-nos este anno um marido:

— St. Moritz custa-me tres vezes mais que Paris, porque em Paris minha mulher *repete* alguns vestidos, e aqui considerar-se-hia deshonrada se lhe vissem em duas noites a mesma *toilette*!

Jante-se a este movimento geral o movimento parcial dos *peccnice*, que todos os dias se organisam com destino ás geleiras — grandes carros de posta, que partem, montanha acima, cheios de mulheres e de flores —; dos grandes jantares, descriptos pelo *New-York-Herald*, em redor de mesas adornadas de cravos, luzes electricas, *biletats* e pó de prata, verdadeiras obras de arte, dignas da imaginação de Ruskin; das recepções, dos torneios, das festas sem caracter official — e ter-se-ha uma idéa vaga d'essa *grande-saizon*, que durante um mez revolucionou aquelle socegado valle, aquelle bucolico lago!

Mas quando chegam os primei-



O TRINKHALLE — Passeio em dias de chuva

ros dias de setembro, como as andorinhas, emigram todos os alegres banhistas, em bando. E todas as manhãs é um continuo abalar de carruagens de posta, montanha abaixo, levando para Lucerne, para o lago de Como, para Ostende ou para Biarritz, as loiras inglesas, as senhadoras italianas, as complicadas americanas, as pallidas alemãs, que pelo mundo correm á procura dos climas doces — para não dizer: dos *costillons* animados...

St. Moritz de inverno tem um aspecto tão diverso do de verão que dir-se-hia outro.

O lago gela completamente. A neve é abundante e faz quasi desaparecer St. Moritz-Bad. Todos os caminhos, todas as encostas, que de verão estão cobertas de uma relva terna e de *sopins* e pinheiros, transformam-se em extensissimos campos de uma brancura impecavel. Por toda a parte, até aos altos cumes e aos longiquos horizontes, apenas a neve se avista e o gelo impera. É a visão do inverno em toda a sua desoladora beleza!

Então só é habitavel St. Moritz-Dorf. Mas o clima é tão puro e tão sêco, que os seus hotels enchem-se de novo; e então chegam a encontrar-se doentes authenticos...

A vida muda tambem como a paisagem.

No lago, onde de verão se passava de barco, fazem-se de inverno grandes torneios de *hockey*, um sport inglez no genero do *cricket*; realisam-se corridas internacionaes de patinagem e regatas de barcos á vela, que *navegam* sobre o gelo, como patins; jogos de bola, o *curling*, etc.

Na descida que do Dorf vai ao Bad, e onde de verão correm os *tramsways* electricos, pratica-se o sport mais querido de St. Moritz: o *trenó*.

Ha duas estradas e duas especies de *trenós*: a estrada de neve para os *trenós* tirados a cavallos, e a estrada de gelo para os *trenós* que correm pelo seu proprio peso. O *trenó* tem tambem o seu progresso. Actualmente ha-os de uma leveza extrema, chamados *Skeleton*; o corredor vai deitado, para offerecer menor resistencia ao vento. Nas ultimas corridas em St. Moritz algumas cobriram 70 kilometros á hora, ou seja, a velocidade de um expresso!



Como se passa uma garganta de gelo

Empregam-se tambem outros *trenós* d'essa especie, chamados *Bobsleighs*, em que doze pessoas tomam logar, e que se prestam aos mais comicos episodios.

Depois de uma ascensão aos grandes picos, desce-se assim, em companhia; e n'uma hora se cobre o terreno que levou a subir.

Além d'estes sports, o *tenis* continua a jogar-se com fervor, todas as semanas ha concertos por artistas do Scala de Milão, succedem-se os bailes, as recitas, os bazares. E no fim d'essa movimentada vida, os que para lá subiram pallidos e anemicos, voltam rosados e sadios; os que foram hypocondriacos voltam alegres; os que começaram a estação com a imagem da morte proxima, acabam-a com a idéa da vida arreigada.

St. Moritz não é somente bello como ponto de estada, mas tambem o é como centro de excursões.

As mais variadas paisagens se descolam das suas cercanias. Basta descer um pouco e logo a paisagem é luxuriante e verde, e os *chales* saem da folhagem, n'um grande coquetismo, e as vacas pastam, n'um grande bucolismo virgiliano. Basta subir um pouco, e logo a paisagem tem toda a imponente belleza da neve, das regiões onde só impera a geleira e o penedo bravo, e o ar corta como navalhas de barba.

De alguns d'esses arredores dão idéa as *noeas* gravuras.

A geleira mais proxima de St. Moritz, a de Morterach, é luxuriante e verde, e os *chales* saem da folhagem, n'um grande coquetismo, e as vacas pastam, n'um grande bucolismo virgiliano. Basta subir um pouco, e logo a paisagem tem toda a imponente belleza da neve, das regiões onde só impera a geleira e o penedo bravo, e o ar corta como navalhas de barba. De alguns d'esses arredores dão idéa as *noeas* gravuras.

A geleira mais proxima de St. Moritz, a de Morterach, é luxuriante e verde, e os *chales* saem da folhagem, n'um grande coquetismo, e as vacas pastam, n'um grande bucolismo virgiliano. Basta subir um pouco, e logo a paisagem tem toda a imponente belleza da neve, das regiões onde só impera a geleira e o penedo bravo, e o ar corta como navalhas de barba. De alguns d'esses arredores dão idéa as *noeas* gravuras.



St. Moritz no Inverno



A geleira Diavolezza

gria! E até os velhinhos, sobre a neve, parecem jovens, e, os doentes, sadios!

Ligados a uma corda, de bordão ferrado e sapatos com pregos, é vêr o riso, a boa disposição de espirito, dos grupos que se encontram por lá, a 3-000 metros de altitude!

Az vezes, quando julgamos que só a neve nos cerca, levanta-se da terra uma gargalhada de mulher. E, de entre os recortes que a geleira faz, surge, n'um grande grito de civilisação, alguma d'essas creaturas requintadas de espirito e *extra-dry* de corpo, que nós julgáramos apenas susceptíveis de caminhar sobre o asphalto das grandes capitais, em dias de claro sol!...

E' que a pureza do ar é tamanha que até vivifica o sangue alimentado a bombas, folhados, firts e atmosferas de pó de arroz!

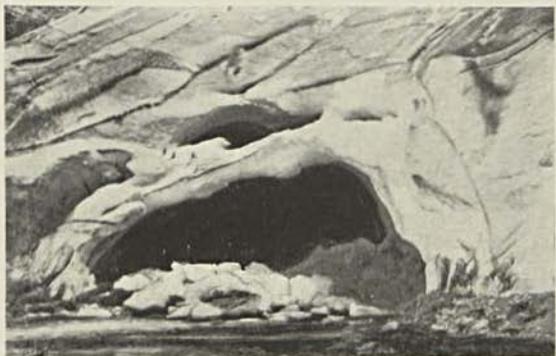
Monteresch é porém a geleira mais — como diremos? — amavel das cercanias de St. Moritz... E' uma geleira para *parties de plaisir*.

Outras, porém, não menos bellas, mas de mais perigosa ascensão, ali existem.

Entre essas se conta a de Languard, onde, entre varios outros perigos, ha o de ter de atravessar-se uma ponte natural de gelo sobre um precipicio de 200 metros de altura; a de Diavolezza, onde são communs as avalanches e movimentos do solo; a de Rosettes e a de Bernina, onde se formam tempestades quasi repentinas, em que as nuvens mais densas envolvem os excursionistas, fazendo-lhes perder a orientação e passar a noite lá em cima, sport a que nem todos tem resistido; etc.

Mas isso é nada, porque o perigo tambem tem belleza, e o verdadeiro alpinista, o que se deixou empolgar por esse pittoresco vicio que se chama o *alpinismo*, só acha verdadeiro prazer em espetar o seu bordão em neves nunca d'antes navegadas...

Como passeios mais modestos, para carruagem ou pic-nics a pé, contam-se, em redor de St. Moritz, dezenas. Os mais bellos são: o valle de



A gruta de neve do Monteresch

Belvédere, as povoações de Pontresina e Celerina, os belvederes de Xansee e Uher, Alpina, e os lagos a que já nos referimos. Em todos esses *terminus* ha um restaurante agradável, com a sua bandeirinha suissa e todas as commodidades para se vêr a paisagem... á mesa...

Porque os Suissos, essencialmente praticos, tem dado á sua paisagem um tom de commodidade encantadora. Sem tirarem nos *eswegs* o prazer de trepar aos cumes por caminhos de cabras e mores entre as neves por falta de forças e excesso de frio, elles tem estabelecido elevadores para todos os altos de onde se aviste qualquer coisa de bello; tem batido para toda a parte estradas tão boas como o *paré* de madeira; tem transportado todos os despeñhadores com pontes magnificas, tem levantado hotéis e restaurantes em sitios onde nem as cabras se aguentam, tem collocado em cada belvedere um oculo, em cada subida um banco e junto de cada fonte um copo!

D'esta forma não ha desculpa para não se ser alpinista e pôde-se fazer a ascensão até ás neves perpetuas, com a mesma commodidade, e até a mesma *toilette*, com que se sobe, em elevador, a casa de uma pessoa conhecida...

Sente-se que se está em um paiz civilizado e que toda esta paisagem, logo ao romper da manhã, se lava e se penteia para receber as visitas.

St. Moritz 1902.

ANTONIO BANDEIRA.



Um dos sports de inverno

Um amor de dez dias

— Eu já alguma vez te falei do meu amor pela viuva?

— Não, replicou William. Conta lá.

— Bem, disse Hugo Remington pegando n'outro charuto e encostando-se para traz na sua cadeira de braços. Encontrei-a em Paris.

Encontrei quem?

— Não me perguntes o nome. Chamo-lhe "a viuva". E' título sufficiente.

— Bem, não quero interromper-te. Continúa.

Hugo continuou:

— Eu fui visitar a minha velha amiga, miss Lee, e, enquanto esperava que a criada lhe fosse dizer que eu a procurava, uma velha peça de *bric-à-brac* que estava ao canto da sala attraheu a minha attenção. Levantei-me e fui examinal-a. Enquanto eu estava assim entretido, abriu-se a porta. Voltei-me, pensando que era Lee, quando oh! — que formosura encontraram os meus olhos! tão pequenina que parecia uma creança, grandes olhos azues profundos, que saiam de debaixo de uma massa de ligeiras tranças douradas, um nariz pequenino e uma bocca que era um botão de rosa. Vestia luto carregado, e pareceu-me, quando olhei para ella, que nunca tinha visto um quadro mais formoso.



Um lago gelado

Não me viu senão quando fiz um ligeiro movimento que a sobresaltou. Dando um passo para diante, disse-lhe:

— Assustou-a, não é verdade?

— Assustou, não sabia que estava alguém na sala. Espera miss Lee? E atirou-me o mais suave dos seus sorrisos, mostrando-me um fio de dentes perfeitíssimos.

Antes de eu poder responder, appareceu-me miss Lee e apresentou-nos. A viúva viera passar alguns dias a casa de miss Lee antes de partir para a sua casa na America. Eu estava contentíssimo com isso, porque teria n'esse caso o gosto de a tornar a ver. A tarde passou com uma rapidez extraordinaria, e eu levantei-me pedindo desculpa de me ter demorado tanto. Miss Lee convidou-me para jantar no dia seguinte sem cerimonia. Disse-me que a sua amiga gostava de socoço, de forma que estaríamos perfeitamente sós. Como pode imaginar, aceitei o convite e fui pontualissimo.

A viúva parecia ainda mais encantadora do que na tarde precedente. O que eu queria é que as horas não corressem. Como estava no costume de ir muitas vezes a casa de miss Lee, as minhas visitas frequentes, quasi quotidianas, não excitavam attenção.

Miss Lee agradecia-me ir procurá-la na solidão, e a viúva dava-me os seus mais suaves sorrisos, e eu dava graças no intimo do coração por ellas estarem sós, e por eu poder consolá-las. Assim passaram as semanas, até que chegou a occasião da partida da amiga de miss Lee.

Eu tencionava ir á America para negocios meus d'ahi a um ou dois mezes; quando soube que a viúva partia dentro de dez dias comecei a pensar que os taes negocios eram de uma imperiosa urgencia. Quanto mais pensava no caso mais importante me parecia ir já.

— Conhece alguém que parta no dia 15? perguntou-me a viúva com um modo de pomba.

— Parto eu! respondi. Os negocios chamaram-me á America mais cedo do que eu esperava.

— Que delicia! disse a viúva enquanto miss Lee exclamava:

— Oh! sr. Remington, quanto estimo! não podia supportar a idéa da minha amiga ir inteiramente só, e o sr. Remington, melhor do que ninguem, saberá como ha de cuidar d'ella.

Começámos a fazer os nossos planos. A viúva tencionava fazer uma visita de poucos dias a alguns amigos em Londres. Eu ia directamente para Liverpool. Miss Lee e eu descemos para ver a nossa amiga partir, e eu pensei em me encontrar com ella a bordo do vapor. Os meus ultimos dias em Paris passaram-se a dizer adeus a amigos velhos e a comprar presentes para minha irmã Nell que casára com um americano, e para os pequenos. Comprei muito satisfeito com a escolha. Afinal achei-me a bordo do vapor; vendo-o sulcar as aguas. Ao meulado estava a viúva e parecia-me que nunca a tinha visto tão bonita. Exultei por ver que ella não conhecia ninguem a bordo. Era eu o seu unico amigo, podia por conseguinte tel-a toda para mim; era isto (assim o dizia a mim mesmo) que eu durante semana

nas esperára. Estava apaixonado? Ainda não me occorrera essa pergunta. Sentia-me supremamente feliz, e parecia-me que a situação era deliciosa. Estava prompto a fazer tudo por essa bella creatura. Tinha só que mandar, eu estava prompto a obedecer. Logo tive enejo de mostrar a minha devoção.

No dia seguinte muito cedo subi ao tombadilho e fiquei espantado de já encontrar ali a minha viuvinha. Pareceu-me muito afflicta e muito bonita. Trocados os primeiros cumprimentos, perguntei-lhe como tinha elle dormido.

— Não dormi nada, disse ella com um modo verdadeiramente infantil, que me pareceu encantador: tanta bulha toda a noite! continuou ella, não pude pregar olho! E que cheiro tão detestavel! Preciso de ter outro camarote. Prefiro estar aqui, sentada a noite toda, a dormir outra vez n'aquelle horrivel logar. Não lhe parece, sr. Remington, que se o senhor fizesse ao capitão ou a outra pessoa, me arranjariam outro camarote? E os seus grandes olhos cravavam em mim uma vista inquisidora.

— E' claro que sim! disse eu. Vou tratar d'isso, e se não houver outro quarto, troco comigo. Fique com o meu camarote, que é excellente, e como eu me não importo nem com bulhas nem com cheiros, o seu camarote ha de servir-me perfeitamente.

Aqui Hugo encostou-se para traz na cadeira, e fazendo cair a cinza do charuto, continuou:

Muito preso d'ella estava eu, porque bem sabes que a bulha e o mau cheiro me não deixam dormir. Mas esqueci tudo, debaixo da influencia d'aquelles olhos, e quando ella disse: oh! não! não quero semelhante coisa! senti que a minha sentença estava lavrada e que estava condemnado á bulha e ao mau cheiro.

Outra vez descobri que a minha viuvinha não tinha cadeira de balanço; havia só uma e já a tinham encomendado, mas eu paguei o dobro e a cadeira foi minha.

— Que bondade tem o sr. Remington! disse ella. Não sei o que teria feito se não fosse o senhor. Não sou para viajar sozinha, acrescentou ella com um tom infantil.

Tive desejos de a apertar ao peito e de lhe falar no meu amor, e dizer-lhe que, se ella quizesse, seria a alegria da minha vida cuidar d'ella. Pensei em fazer isso; mas havia tanta gente sempre á roda de nós que me não deixava falar!... Ella sentou-se com as mãos cruzadas no regaço, e pareceu divinamente incoinciente.

Ne terceiro dia o tempo esfriou consideravelmente.



Como se caminha sobre a neve commodamente



Um hotel dos arredores de St. Moritz

— Estou quasi gelada, disse a viuva. O que hei de eu fazer? Não tenho nada em que me embrulhar. Tenho de ficar sempre lá em baixo, e é tão desagradavel, meu querido senhor. O seu rosto voltou-se para mim como o de uma criança magoad.



Abrindo caminho

contente que eu estou por ter vindo confiada ao seu cuidado!

Todos os dias me acudia aos labios falar-lhe no meu amor. Todos os dias me abandonava o animo. Passeiavamos no tombadilho. Ella punha as suas mãosinhas no meu braço com um modo de inteira confiança, olhava para mim por baixo das suas tranças, ria-se com o seu riso baixo e suave, e fazia as mais infantis, as mais innocentes perguntas.

— Não é delicioso, disse ella um dia, pensar que estamos quasi a chegar? Custa-me esperar o tempo que ha de vir, e contudo — aqui a sua voz desceu a um tom baixo tão acariciador e quasi amoroso — esta viagem foi para mim encantadora, graças á sua bondade, acrescentou ella brilhantemente.

Estive quasi a soltar a minha confissão de amor, mas, achando mais prudente esperar até a ter conquistado completamente, perguntelhe no tom mais ordinario se não gostaria de ver umas bagatellas que eu comprára em Paris. Os seus olhos scintillaram.

— Oh! de certo, disse ella. Não pode haver nada mais delicioso do que ter um lampejo de Paris em pleno mar.

Desci ao meu camarote, juntei todas as minhas bonitas *nouveautés* e trouxe-lh'as. Fozdo uma cadeira n'um canto socegado, e bem escondida da outra gente,

Eu tinha um bello cobrejão que usava á noite, porque sabes que a bordo está tudo horrivelmente humido. Fôra de grande conforto para mim, e eu bem sabia que me havia de fazer falta. Mas que havia de fazer? Eu não havia de ver padecer a mulher que amava. Assim peguei n'elle e dei-lho. O seu delicioso sorriso recompensou-me pelo sacrificio.

— Oh! que bonito! disse ella quando poz as mãos debaixo do quente cobrejão. Parece, sr. Remington, quem tem tudo quanto ha de confortavel.

Nunca vi um homem assim. Que

pondo depois a minha cadeira ao lado da ella, comecei a mostrar-lhe, a uma e uma, todas as minhas curiosidades.

— Onde arranjo tudo isto, sr. Remington? Eu corri Paris todo, e nada encontrei que se parecesse com isto. Que delicioso *portebonheur!* e foi pondo os meus braceletes, cuidadosamente escolhidos, nos seus finos pulsos, voltando-os ora para um lado, ora para o outro.

Eu conhecia o gosto de Nell, e procurára alguma coisa que saísse do vulgar, e estava contentissimo com o que tinha comprado. Mas esta foiteira creatura que estava sentada ao meu lado fazia-me esquecer Nell e tudo, e, quando ella fez um movimento para tirar as pulseiras, disse-lhe, rindo, é claro:

— Oh! não as tire por ora; estão ahí tão bem. Não disse que era delicioso ter um lampejo de Paris em pleno mar?

Ella conservou as, e eu abri as outras caixas. Havia anéis, cruzes, medalhas, *chataines* e muitos outros enfeites de curiosos de-



Uma tempestade sobre a neve

senhos. A viuva estava radiante. Uma criança não podia ter gozado mais. Eu olhava para ella com olhar apaixonado, disse-lhe d'onde vinha cada objecto, e ajudava a pol-os.

— Pareço uma princeza indiana, disse ella, e devia ter uma corôa e uma multidão de cortezãos ajoelhados, e então seria completo o quadro.

— Pode imaginar-se n'um throno, disse eu, e tomar-me por uma côrte ajoelhada. Não compensaria o meu amor a falta da multidão admirativa?

Ella olhou para mim vivamente, e a responder-me, quando um d'estes eternos massadores que, vá a gente para onde for, sempre se encontram a bordo dos nossos navios, veiu e começou a contar as suas reminiscencias; o que era o mar vinte annos antes — como se o mar mudasse — e como quando primeiro o atravessára os seus amigos não esperavam tornal-o a ver. Elle fizera o seu testamento, e elles tinham-lhe feito as suas despedidas como se o tivessem de perder para sempre. Asseguro-te que eu silenciosamente desejei no fundo do meu coração que elles tivessem acertado. Sem dizer uma palavra, levantei-me, peguei nas minhas caixas, e deixei a minha princeza indiana. Estava furioso com o velhote por ter interrompido o nosso *été-à-été* e magoado com a viuva por lhe dar ouvidos e lhe responder. Entendi que já bastava de preliminares,



A diligencia suissa



A geleira de Langurd

e que na primeira occasião que tivesse lhe faria uma simples pergunta, e conheceria emfim o meu destino. Mas essa occasião não veio tão depressa como eu esperava.

Ella desceu para o seu camarote com uma forte enxaqueca, segundo disse, e eu passei sózinho no tombadilho. Estávamos já muito dentro do porto quando ella appareceu no dia seguinte; disse-me que estivera arranjando a sua bagagem muito á pressa, julgando que estávamos mais proximos do que realmente estávamos.

— Não tive occasião de lhe entregar as suas joias, disse-me ella, metti-as na minha mala. Mas espero que venha jantar comigo no sabbado e então lh'as entregarei.

— De certo, respondi eu, não temos tempo de estar com essas coisas; leve as joias até nos vermos outra vez.

Tantas contrariedades tivera que tinha resolvido agora esperar e falar-lhe em sua propria casa para lhe abrir o meu coração ou antes para conhecer o meu destino. O meu coração já ella o conhecia. Não havia tempo para falar, tudo era excitação, aproximavamos-nos rapidamente, ondeavam lenços nas dokas. A viuva voltava para lá os olhos, e de repente, deixando-me, vi atirar um beijo: Como eu desejaria apanhá-lo! Olhei com olhos ciosos para ver quem o receberia e lhe responderia. Na frente da multidão estava um homem formidável de seis pés de altura e grossura em proporção. Era elle que estava correspondendo aos seus beijos. Seria seu irmão ou simplesmente um amigo e em troca de beijos mandara-lhe-lhe uma agradável saudação á distancia?

Vi-o vir para bordo, e que fez aquelle idiota d'aquelle latargão? Agarrou-a nos seus grandes braços, a ella á minha doce amada, em quem eu nunca tocára com a ponta d'um dedo e beijou-a repetidas vezes.

Tive vontade de o desancar.

Aproximando-me d'elles, vi que nenhum dos dois dera por mim. Ella tinha-se esquecido da minha existencia. Com uma verdadeira dôr de coração apartei-me. Tinha este de ser o fim! Porque é que eu viera? Podia ouvir-lhe falar, apesar de os não poder ouvir. Aproximaram-se mais, e a mesma branda voz que eu amára tão apaixonadamente, disse:

— Remington, esteve falando a seu respeito, dizendo como tinha sido bom e amavel comigo, como eu estaria inteiramente abandonada se o sr. Remington não tivesse cuidado do meu bem estar. Vim agradecer-lhe, e meu marido quer agradecer-lhe tambem.

Seu marido! Deus do céu! e eu a pensar que ella era viuva! Julguei que tudo isto era um sonho, e sonho muito desagradavel. Creio que elle agradeceu-me e ella louvou-me,

e elle tornou a agradecer-me, e ambos instaram comigo para que fosse vel-os, e ella disse-me:

— Não se esqueça de sabbado.

Não sei se disse alguma coisa, se fiquei calado. Estava como um homem adormecido e tive que dar a mim mesmo um grande atambão para me ver livre do pesadello. Quando olhei em torno ella... elles tinham desaparecido.

Aqui Hugo parou como se tivesse acabado, mas o seu amigo Williams, cuja curiosidade estava excitada, perguntou:

— Foste jantar com ella no sabbado?

— Não; mandei uma desculpa.

— Tornaste a vel-a?

— Nunca.

— Que foi feito das suas novecentos de Paris?

— Nell ficou sem ellas.

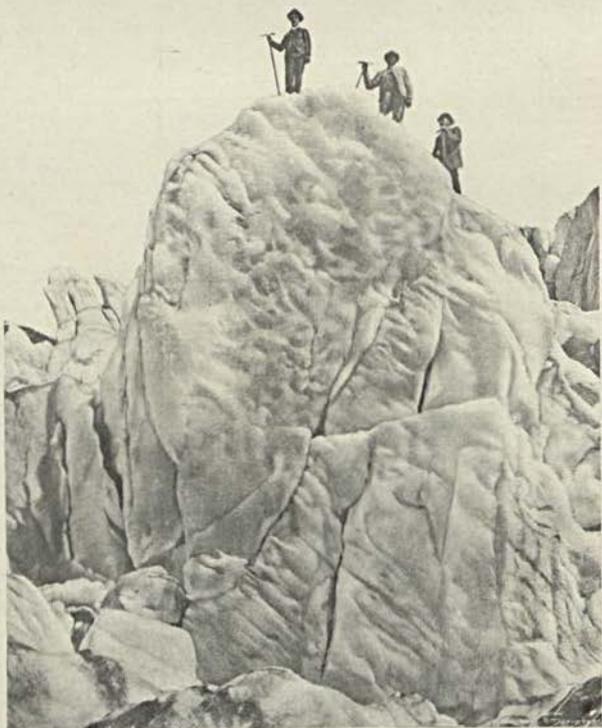
— O que! ella não t'as mandou?

— Não lhe dei a minha morada, e devo suppôr que não sabia onde eu estava.

Williams não fez mais perguntas, e Hugo ficou um instante calado. Depois levantando-se, disse:

— Nunca mais amei, e accrescentou com um riso amargo, evito sempre as mulheres de luto pesado. E, como com a minha historia se foi apagando o lume do fogão, o melhor que tenho a fazer é ir-me deitar.

J. LORTON.



No cimo da geleira de Bernina

Eu e as notabilidades litterarias

(Continuado do numero 88)

QUE era um estilo á procura de um assumpto, disse o mordaz Rodrigo da Fouseca Magalhães, com mais chiste que verdade, do brilhante escriptor Latino.

Aquelle cerebro estendendo tãha simultaneamente a faculdade de saber tudo, de tudo reter e coordenar, e de traduzir na mais castiga, opulenta e variada linguagem as idéas que elaborava; e sómente, por uma incoherencia da vontade, acotecia que, ao escrever, esquecesse o muito que sabia, e ao pensar nos thesoros de saber, que em si guardava, perdesse os alicatos para escrever.

Quando, muito constrangido, veneia a custo á mercia, pegava na pena, deixava-a correr douidante, á borbotear pelos devancios do estilo, para, consummada o sacrificio, voltar á faina de acumular noções, vindo d'ali o absurdo de ser um dos homens mais eruditos da nossa terra, que maior numero de futilidades brilhantes escreveu.

Um artigo politico ou de polemica litteraria, escripto sobre o jochão, não seria um compendio de doutrina, uma exposição de principios ou sentença de critico, mais era um jardim de flores, um cofre de joias, scintillando pelas suas mil facetas polichromas, onde a idéa se perdia, como tronco de velho robe entre as heras vipsas que se lhe emaranham em torno; e só nos elogios academicos o fructo emergiu opulento d'entre as flores, e o saber não foi emagado pela pujanã do estilo. De resto, quanto mais escrevia, mais não deixava com primores de linguagem e mais la prejudicando os seus creditos de erudito, á justificar o conceito de Rodrigo da Fouseca.

Ha talentos de produção e talentos de absorção. Latino era dos ultimos, e se possedes, batendo com a tosta n'uma folha de papel em branco, deixar n'elle estampado tudo quanto sabia ou cogitava, teria legado á posteridade obras monumentaes. Lá para a fadiga de l'escrerevendo, pagina a pagina, caderno a caderno, é que não tinha coragem, nem deliberação sufficiente. Entre a actividade do cerebro e a actividade da mão, havia um defecto de coordenação, que deixou estoril aquelle peregrino engenho e quasi nulla a sua linguagem scientifica e litteraria, apenas compendiada nos citados elogios de Humboldt e de José Bonifacio, na historia politica e militar, que deixou incompleta e na famosa traducção do *Gladiator de Baccano*, representado em D. Maria, quando nós todos fomos denodadamente, tanto em litteratura como em politica, nus pela França e outros pela Alemanha.

Está a estorilidade que se lembrei de offerecer um exemplar do meu romance *Scenas contemporaneas da vida acadêmica*, quando, em 1863, e publichei em volume. Morava Latino n'um segundo andar da rua de S. Bento, onde fui recebido com toda a afabilidade, travando-se palestra, tanta intima sobre a Universidade, d'onde eu saíra havia pouco, sobre os progressos da medicina, sobre as ultimas novidades da Academia Francaza, sobre o movimento litterario, sobre todas as coisas e muitas mais, expostas pelo meu interlocutor n'um tom de modestia, que parecia como o pedir desculpa de saber tanto.

Fiquei encantado, mas não menos sent em mim como que o vexame de me aproximar de tão eminente erudito, com quem mantive apenas desde então as levas, mas affectuosas, relações de futuro encontro, quanto mais que elle ia a caminhar pela politica fria, até o fazermos ministro, que foi como pôrem um rouxinol a chocar pintos n'um aviário industrial; e d'ahi, salvo apenas do naufragio, descambou em republicano theorico.

Ora quando Barjona de Freitas estragou uma boa idéa, com a fundação da esquerda dynastica, deixou-se a procurar adhesões entre os republicanos mansos, contra o voto de quem, em politica, via muito menos que elle, mas, no assumpto, viu melhor; e o visconde de Ouguela, seu condiscipulo e amigo, prometteu trazer para o gremio o Latino, então veraneando em Ginebra.

Esta requisição, que se affirmava como de um effeito decisivo, estava sendo tratada sobre o maior sigilo; e eu, que não sabia nada, correndo a quadra de estoril adversa á redacção da *Revolução de Setembro*, lembrei-me de ir forragear nas velhas épocas do jornal, e fazer reviver artigos brilhantes, firmados pela assignatura dos auctores; e, para comegar, transcrevi um notavel escripto de Latino, dos seus tempos de monarchico.

Oh! diabo! tu que tão fizeste!

No dia seguinte, encontro o meu querido Barjona desesperado, porque eu lhe tinha deitado a perder o plano, tão risonhamente acariado.

Latino, muito refractario ás sollicitações do Ouguela, muito irresoluto, como era do seu natural, andava addiando a resposta decisiva, até que a negativa mais redonda veio coincidir com a reprodução do seu velho artigo; e assim estragou, sem o querer, ou fiqui nos a responsabilidade de ter estragado um projecto, em que Barjona depositava as suas lisongeiras esperanças, e que eu, na minha consciencia, julgavi e fiqui julgando não valer mais do que muitos outros, concebidos ou executados n'aquelle lance, minuciosamente narrado em logar competente; e assim se acabaram tambem as minhas relações com o elegante escriptor.

Estava escripto no livro dos destinos que eu havia de ser sempre desagradavel, embora involuntariamente, á Camillo Castello Branco, que, ao invés de Latino, era incapaz de produzir.

Pela mesma occasião, fui á calçada do Salitre, onde o grande romancista morava, offerecer-lhe outro exemplar das *Scenas contemporaneas da vida acadêmica*, já desde 1868 começadas a publicar na *Estreia litteraria*, e tão framente fui recebido que não me sobrou desejo de tornar a procurá-lo.

Camillo tinha o orgulho dos seus creditos, á vaidade do seu privi-

legio exclusivo de romancista, e eu, que o admirei e admiro como mestre da lingua portugueza, não era um admirador incondicional do seu engenho, nem da sua fecundidade de imaginação.

O romance, sobre pintar caracteres, paixões ou quadros de épocas historicas ou da actualidade, cria personagens para incarnar n'elles as virtudes ou os vicios humanos; e tirando a Augusta da rua Armenia e o correlativo Guilherme do Amaral, bem poucos ou quasi nenhuns são os typos que da vastissima collecção do feudo escriptor ficaram como modelos na nossa litteratura, como raros são os romances, cuja acção consiga passar além de um unico volume, tendo-me já acontecido ler dois no mesmo tempo, sem que no espirito conseguisse bem discernir um livro e enredo, tausta era a uniformidade de situações, de lances e nã de trechos graves dos protagonistas.

Mas *Onde está a felicidade* tinha-me enchido as medidas, e fôra um dos romances predilectos do meu tempo de rapaz.

Ora qui o espirito mau, que eu, para prestar homenagem a essa admiração, escrevendo um romancete, unico original que se publicou na collecção *Bibliotheca dos dois mundos*, lhe posezse por titulo *Onde está a infelicidade*.

Nunca, em minha vida, pratiquei acto mais ingenuo ou, na intenção, mais obsequioso; mas não o comprehendei assim o festejado auctor de mais de trinta romances, e veio a queixar-se de que eu era um irreverente, que publicára umas *Scenas contemporaneas*, tendo elle um volume com egual titulo, e agora lhe imitaria pela antithese e de outro seu romance.

Quando, muito tarde, cheguei a saber isto, é que para mim expliquei o motivo da fria recepção na minha primeira e unica entrevista.

Mas o meu fado não estava cumprido ainda, e maior agravio tinha de fazer ao festejado escriptor.

Decorrera já muito tempo depois que havia lido no *Jornal do Commercio* a noticia da proxima appareição de um volume com o titulo de *Infanta capellista*, cujo enredo era all narrado por alto, fundára-se o *Diário illustrado* de que Camillo promettera ser collaborador, e eu fiqui encarregado da critica litteraria. N'este comecinho, apparece o romance *Acuturas de critica Hugo José Alves*; leio-o, dou-me a perros para poder dizer d'elle alguma coisa elogiosa e lisonjeira, e a maldita memoria põe-me em confronto e mostra-me ser identico o entrecho d'este romance e de a annunciada e nunca apparecia *Infanta capellista*. Disse-o com a maior sinceridade e boa fé, como podia ter posto um phosporo acceso sobre um fardo de polvora, cuidando que era de minuto.

O effeito foi terrivel.

Pedro Correia, o meu mais intimo amigo, o espirito mais complacente e transigente, apparece-me falo de raiva, furioso com a minha imprudencia, e diz-me, sem mais nem menos, que eu lhe tinha desgraçado o jornal, fazendo-lhe perder a valiosa collaboração de Camillo.

Fiquei abalado e a lembrar-me de que Camillo era o auctor do *Journal Jacques*, em que o protagonista, envolto inconscientemente n'uma conspiração, tão depressa salvava a França, como perdia a França.

O meu destino era dar cabo de tudo sem me sentir.

— Pois v. não sabia? diz-me o Pedro.

— Eu não sabia nada.

E' coisa que todos sabem.

— Mensu eu.

— O Camillo, á rogos do visconde de Castello, e para ser agradavel ao imperador do Brasil, prometteu não publicar a *Infanta capellista*.

— E publicou-a agora disfarçada?

— Não sei! O que sei é que elle já me escreveu a despedir-se da collaboração.

Pedro Correia, conhecendo a minha innocencia, acalmou as iras, sempre effluvas em tão sobre caracter, o *Diário illustrado* não morreu, antes se conserva rijo e não no trigésimo primeiro anno da sua existencia, e eu nunca mais tive relações directas nem indirectas com o brilhante escriptor, cuja prosa admiro e aprecio, á ponto de o refer frequentes vezes, não para recreio da imaginação, mas para tomar l'hição profusa da boa linguagem portugueza, e não raro do nosso bello chiste nacional.

Mas, se volte a ter contacto com elle, era capaz de tornar a ser-lhe desagradavel um querer, pois que esse era o meu fado!

Extraordinaria organização cerebral era de Andrade Corvo, um sabio, um politico e um litterato! Medico, agronomo, engenheiro, parlamentar, professor, diplomata, em toda a parte fazendo distinctissima figura, e impondo-se a todas as assembleas pelo prestigio e auctoridade da sua palavra, apesar de lhe ter a natureza dado uma voz ingratisimã!

Conheci-o já quando ministro, e mal se podia descobrir n'aquelle homem, occupado com os mais graves problemas de administração, o antigo auctor de *Um anno a corte*, romance já quasi esquecido, e que encerra contudo boa lição de historia, paginas formosissimas e um entrecho interessante.

Nã, enja litteratura, exceptuando á fecundidade de Camillo, nunca foi muito abundante em romances, chegando á ser escassa em romances bons e novos, tradizoos e publicamos trabalhos antigos de romancistas francezes, e deixamos cair no esquecimento, sem coragem de reeditá-los e sem leitores que justifiquem as reedições, as obras nacionaes que possuímos!

Com excellentes relações politicas com Andrade Corvo, que se indiguitava herdeiro e successor de Fontes e que afinal o precedeu na viagem eterna, nunca procurei aproximações intimas, nem havia por que procurá-las a o litterato, que deservira das fleiras, para so se dedicar ás questões da governação publica; mas de um vez estive ou fizera-me crer que tinha estado em contacto com elle, muito em contacto, apenas separado pela porta de uma aleva.

Conhecera, na minha vida clinica, uma rapariga de bom appellido, vivendo com apparente bem estar, mas bastante maluca e soffivelmente bonita, para ser requestada e para se deixar ir atraz do choro, dando cabo do que tinha, com uns amores quáz infantis.

Para se levantar do primeiro desastre, metten-se-lhe em cabeça ser amante de mais altas notabilidades, começando pelo paço dos reis e seguindo para os ministros de estado effectivos ou honorarios; e ou fosse que a ajudasse a sorte ou porque tivesse arte de captivar, viu realizados todos os seus intuitos, para depois ir caindo, caindo, até cair de todo na valla commun.

Tendo-a conhecido e tratado nos seus tempos prosperos, não a abandonou na desdita, até que ella me desapareceu, escudando a sua extrema vergonha não sei onde.

A meio caminho, contava-me as suas aventuras, fazia-me confidante de seus amores e seus planos para um dia em que, por estar doente, a fui ver, como costumamos conversar alto e abertamente sobre as occorrenças das suas ligações publicas, fez-me ella significativo signal de silencio, apontando para a alcova.

Recetei e sai; e, quando voltei novamente a vel-a, disse-me que o amante d'esse momento era Andrade Corvo, o qual lhe fizera lisonjeiras referencias a meu respeito, offerecendo-se-me ella para ser mediadora de qualque pretensão que viesse.

Ea, que nunca, na minha vida publica, pedi ou accetei a intervenção feminina, nem sequer a mais santa e respeitavel, não pude deixar de sorrir da ingenua generosidade da offerta; mas, a cautela, nunca sollicitei de Andrade Corvo o minimo favor, sem meo tratar de inquirir se era elle com effeito ou não quem estava escondido no quarto da minha cliente.

Com ser um altissimo talento, que via bem nas questões politicas, e um parlamentar experimentado, em que Fontes confiava plenamente, era Andrade Corvo um ministro muito desigual nos seus juizos, mereo da influencia que no espirito exercia a deoçã.

Dias melhores e sem soffrimento, e todo elle a sorrir de esperanças, a planejar o engrandecimento nacional, confiando quasi cegamente no futuro; dias atribulados, e cil-o-a ver tudo sombrio, tenebroso, perdido para a patria, desalentado e quasi sem esforço para lutar. Vencia-lhe as crises a força de vontade, a estiracida reflexão, mas, se os estranhos não davam pelas alternativas, na intimidade do conselho de ministros não deixaram ellas de transparecer.

E era terrivel e inexoravel nos dias de mau humor! Tinha elle, na vida publica especial embaraço com os seus correligionarios Lourenço de Carvalho e Thomaz Ribeiro, e um dia, um dos taes, entrando na camara dos pares, quando aquelle estava a falar, voltou as costas, muito irritado e como, no sair, deparasse com Barjona de Freitas, disse-lhe á queima-roupa:

— Não posso aturar este Thomaz Ribeiro; mal por mal, antes o outro, que ao menos tem umas caraminholas patrioticas, para dizer.

Era o estado morbido que falava!

Enfim, prostrou-o a doença, que matou um homem de eminentes qualidades, de vasta e solida erudição e de altissimo valor.

Em Coimbra, conheceu José Freyre Serpa, su mais simplesmente, José Freyre, sempre com v, como elle assignava as suas poesias.

Era um cavalheiro estimavel e respeitabilissimo, collaborador assiduo do *Troador*, com algumas produções mimosas e suaves, que lhe tinham conquistado o cognome de poeta das brisas, como os rapazes lhe chamavam. Este distincto escriptor, que depois foi visconde de Gouvêa, e a quem se deve um volume, já hoje raro, intitulado *Solano*, era irmão de Antonio de Serpa, que eu já então muito desconfiava como já antes, pelas anecdotas que, a respeito das suas abstracções, corriam e ainda mais pela boa fama de poeta, já affirmada n'um volume, conhecido e muito festejado pelos poetas novos, especialmente por aquelle conhecido trecho,

Mas o melhor da passagem

Foi que o pagem,

Foi que o pagem não morreu,

que ainda hoje se cita a cada passo, mostrando quanto o proprio impressionado o espirito publico, a ponto de deixar uma phrase feita para a locução vulgar.

É aquella descoberta de uma rima para alfofar, quando era moda procurar rimas diffeis, bastaria para lhe firmar os creditos de poeta de merecimento, ainda quando os seus talentos não estivessem já, como estavam, apregoados e reconhecidos pelas provas da sua vida escolar.

Depois de haver devaneado pelo jornalismo litterario e de ser um critico inexoravel e de subidos quilates, absorveu-o a politica.

A politica? Para mim foi sempre duvidoso que Antonio de Serpa fosse um politico, na rigorosa accepção da palavra.

Mathematicas tentativas, applicou, por desfastio, os seus conhecimentos ao estado das finanças, como logo, credito financeiro, por desfastio, applicou o seu vasto saber á politica partidaria, como, antes e depois, escriptor de alto valor e de desenvolvidas facultades criticas, ainda por desfastio, applicava ao jornalismo politico as suas notaveis aptidões.

Mas no meio de tudo isto, era um politico artificial, que não tinha o amor, o entusiasmo, o fogo sagrado pela profissão. Achava-se na politica, não a procurava com.

Orador distincto pela fluencia da palavra e pela opulentissima erudição, era coisa vulgar e notada que os seus discursos começassem quasi invariavelmente por uma concessão aos adversarios, o que lhe tirava a força e o effecto partidario, e na administração tinha em tão pequena conta a previdencia que se comprazia em deixar correr os acontecimentos, o depois de passados, variar as hypotheses sobre o que aconteceria, se houvesse proffido de tal ou tal maneira.

Excelente caracter, de uma primorosa cortezia, conheci-o quando ministro, pedi-lhe um unico favor, que prompta e gentilmente me fez, e pedi-lhe varias vezes conselhos sobre a marcha dos debates jornalisticos, não me faltando nunca com elles, como proficiente e experimentado; sobre isto, devo-lhe a distincção de ter sido um dos tres leitores, e o mais interessado, de um romance original, *No tempo da palatua*, que sepulpei nos abismos da *Recollécção de Setembro*, e que ao illustre esta-

dista agradava pela descripção dos acontecimentos d'aquella época memoravel.

Tambem, quando sobrou a pasta da guerra, lhe offereci, quasi por dever official, um dos meus volumes de *Questões medico-militares*, e elle agradecendo-me, com aquelle tom de ingenua bondade que o distinguia, disse-me: — Olhe, eu prometto ler o seu trabalho, mas só depois de ser ministro, que, enquanto o for, não tenho tempo.

N'outras paginas conto como violentamente ataquei Antonio de Serpa, quando foi a sua candidatura ao logar de chefe do partido regenerador, vago pela morte de Fontes Pereira de Melo; mas, apesar d'isso e do nosso afastamento politico, não deixou nunca de ser o mesmo homem cortez e affavel, nem de me escrever a pedir pequenos favores, até poucos dias antes da sua morte.

Eu pedira-lhe uma fineza, que pela eterna abstracção do seu espirito, nunca me satisfez: era a dadia do volume das suas poesias e das de seu irmão, visconde de Gouvêa, que nas minhas viagens se me haviam perdido e não encontrára no mercado. Prometteu... mas esqueceu-se, como facilmente se esquecia até de coisas mais graves.

As obras que escreveu nos ultimos annos da sua vida e nomeadamente um estudo sobre o socialismo e outro sobre A. Herculano, que teve uma traducção italiana, nunca os li, mas consta-me serem trabalhos de valia, a provarem quanto a indole litteraria e as altas aptidões de escriptor n'elle prevaleciam a todas as occupações.

O eminente vulto que, como exemplar e raro desprendimento, abdicou do seu alto logar de presidente do conselho, não abdicou nunca do seu modesto titulo de jornalista e homem de letras. E' porque não era um politico na precisa accepção do termo, e apenas um grande talento ao serviço da politica partidaria, onde encontrou todas as considerações e affectos que lhe eram devidos; mas que nunca o fizeram esquecer das suas predilecções litterarias, de tal arte que, se a sua morte não causou sensivel abalo na organização dos partidos, deixou incontestavelmente mais um logar vazio na rareada phalange dos que estudam, trabalham e sabem; dos que são lustre e gloria da litteratura.

(Continúa)

A. M. DA CUNHA BELLEME.



O principe Alexis de Cretchec

K um aventureiro. Será mais alguma coisa? K o que a policia tenta agora averiguar. Este personagem chegou ha tempo a Lisboa, hospedado-se no «Hotel de l'Europe». De maneiras distinctas, intelligente e vivo, encontrei relações com varias pessoas, e um bello dia desapareceu, ficando a levar a conta do hotel e levou, ao que disse um cavalheiro hespanhol, emigrado ha muito em Lisboa, o sr. D. Antonio Castilho, uma collecção de sellos no valor de quatro contos, cuja acquisição elle contractára. Apresentada á policia a queixa, perseguiu-se o principe, que foi preso a bordo de um navio em Santa Cruz de Teneriff, obtendo se depois do governo hespanhol a extraditção. Chegou ha pouco, e nega ter fugido com o album dos sellos, levando apenas alguns exemplares em duplicado, com que o sr. Castilho o brindou. Quanto ao album, elle o disse a um escriptor: «C'est mon secret.»

K como é segredo d'elle, ainda se não sabe quem tem razão, se elle se o sr. Castilho. O principe foi entregue ao poder judicial e, se chegar a ser julgado, essa audiencia constituirá um acontecimento curioso, porque se além de aventureiro S. A. é ainda um criminoso, tem de confessar-se, em abono da verdade, que não é um galupo vulgar.

BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castello, Jaime Viktor, Loriz Tavares
 Editor — Luiz Antonio Sanchez
 Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125
 End. telegraphico — BRATGUAL — LISBOA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
 Largo do Conde Barão, 50
 Páginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.ºº
 Rua d'Assumpção, 18 e 24

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno	30\$000	Anno	3\$500	Anno	20\$000
Numero avulso	3\$000	6 meses	20\$000	6 meses	4\$000
		3 meses	12\$500	Numero Avulso	3\$000
		Numero avulso	3\$000		

SUMMARY

TEXTO

Emilio Zola.
 Política internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
 Atravez da arte — MORTI! — GUEDES TEIXEIRA.
 O novo bispé de Macau.
 Dr. Rodrigo Octavio Langgaard de Meneses.
 Dr. Silviano Brandão.
 Coronel Avellar Telles.
 Pierre Viata (a proposito da sua visita a Portugal) D. LUIZ DE CASTRO.
 Pensamentos.
 Chronica — JAYME VIGTOR.
 A 1:800 metros de altitude — Uma estacão de verde suissa — ANT. NO BANDERA.
 Um anno de dez dias.
 Eu e as notabilidades literarias — A. M. DA CUNHA BELLEM.
 O principe Alexis de Cretchec.

30 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
 Representantes do «Brasil-Portugal».
 Dr. Oscar Leal.
 Bom conselho.

ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto.
 Companhia Geral do Credito Predial — Lisboa.
 Cimento Portland — S. Paulo.
 Estamparia do Bulhão — Porto.
 Maison Nouvelle — Lisboa.
 Faustino A. Martins — Lisboa.
 Gabinete Hydrotherapico — Lisboa.
 Grande Hotel Metropole — Rio de Janeiro.
 Formica Schomaker — Rio de Janeiro.
 Ferreira — Rio de Janeiro.
 Casa Abreu — S. Paulo.
 Escola Academica — Lisboa.
 Almeida e Serra Pinto — Porto.
 Fabrica de Tecidos e Fiação — S. Paulo.
 Drogaria e Perfumaria — S. Paulo.
 Daniel Monteiro d'Abreu — S. Paulo.
 Ao Botiçõ Universal — S. Paulo.
 Grande Hotel — S. Paulo.

Moinho Matarazzo — S. Paulo.
 Novo Hotel do Guarujá — Santos.
 La Union y El Fenix Español — Lisboa.
 Aguas de Carabaua — Lisboa.
 Atelier d'Affiliate A. Couto — Lisboa.
 Agencia Financial de Portugal — Rio de Janeiro.
 London y Paris — Lisboa.
 H. Parry & Son. — Lisboa.
 Lenos & Filhos — Porto.
 Fabrica de Tecidos de Lã e Algodão — S. Paulo.
 C. P. Vianna & C.ª — S. Paulo.
 Vinhos Velhos Legitimos do Porto. — Porto.

NA CAPA

Garantia da Amazonia — Pará.
 Brasil-Portugal.
 Almanach Illustrado do Brasil Portugal para 1903 — Lisboa.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — (Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Fupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alameda, 4. sobrado.
 FRENAMBURGO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primeiro de Marco, n.º 14
 PARA — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 50.
 MANAOS — Jayme & Canara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
 MARAÏAC — Leonelo J. de Medeiros e C.ª
 CEARA — A. Ferreira Braga — Praça José Alencar 20
 BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 25
 PELOTAS — Carlos Pinto e C.ª (Livraria Americana).
 PORTO ALEGRE — Carlos Pinto e C.ª (Livraria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto e C.ª (Livraria Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho
 MOÇAMBEDES — Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUELLIMANE — Henrique Jorge de S. Nevez.
 BENGUELLA — Mathews de Tavares.
 LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Haitor da Silveira de Lorena.
 S. THOME — L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO. — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 30.

EVORA. — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua da Mouraria, 37.
 SERA E VENTE. — J. M. S. Carvalho.
 PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.ª
 COIMBRA — João Ribeiro Abranches, Arco do Ivo, 119.
 CARTELO BANCOS — Pedro Augusto Passos.
 ABRANTE — Antonio Augusto Salgado.
 ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
 ALCOBACA — José Narciso da Costa.
 PORTALEGUE — Domingos da Guerra Conde LEIRA — Manuel Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FÓZ — Antonio Marques da Oliveira
 VIANA DO CASTELLO — J. B. Domingas.
 COVILHÃO — José Pereira Cabral.
 TAVIRA — José Maria dos Santos.
 FAHO — Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o Brasil-Portugal os sr.ºs:
 Abreu Irmãos & C.ª, em S. PAULO.
 Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
 Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguara, n.º 1), em CAMPINAS.
 Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
 Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andersen) — MANAOS.

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocacão de dentes e correccão das deformidades nasces. Consultorio de 1.ª ordem á **RUA DO CARMO, 35, 1.º (CHIADO)**

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
 — Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!
 — Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tão fransino?
 — Couzas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Provenem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %; de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: acceptam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia. §

Cimento Portland



Qualidade superior garantida
O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS
UNICOS IMPORTADORES:

Antonio Miguel & Comp.

RUA DIREITA, 46--S. PAULO (Brazil)

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfaiate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

Bilhetes postaes illustrados

Collecção a mais perfeita, variada e importante de Portugal

Cada duzia 200 rs.

Cada cento 1\$500 rs.

Para revender, condições especiaes

ESTA GRANDE COLLECÇÃO comprehende já cõrca de 800 variedades com os retratos de toda a Familia Real, monumentos e edificios notaveis de todo o paiz, vistas de Lisboa e de muitos pontos do continente e colonias, costumes portuguezes, assumptos militares, maritimos, politicos, agricolas, de bellas artes, etc., etc.

Faustino A. Martins

Praça Luiz de Camões, 35 — Lisboa

Nesta mesma casa compra-se toda a sorte de sellos colonias, etc., e onde melhor se pagam sempre.

Estamparia do Bolhão
Casa fundada em 1750
Pavia Fernandes Thomaz, 52th
PORTO

Grandes Armazens

Fazendas de seda
Seda e algodão
NACIONaes
e ESTRANGEIRAS
Tapetes, alfombras, jules
OLEADOS
PERFUMARIAS
MIUDEZAS
etc.

GABINETE HYDROTHERAPICO
do Dr. Mauperrin Santos
Medic: Sr. Antonio J. Mauperrin Santos
Medic: Sr. Antonio J. Colveteiro d'Almeida

Installação hydrotherapica completa: duas salas de banho para homens e mulheres, ultrabancos a vapor e independentes, gabinetes de massagem, cidade e massage, massage e gymnastica, etc., dirigidas por C. do Souto, Tratamento de doencas nervosas e de S. Maria.

Horario das 8 de manhã a das 3 de tarde

UTILIDADE: CALÇADA DO DUQUE, 30
CALÇADA DA GLORIA, 22 Lisboa

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 3 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Medico dos Hospitais Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso

de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu

e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 3/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'asperção, frio ou morno, conforme lhe está preceituado.

As **salas de banho**, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, tem cada uma 17 banhos d'asperção, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regressam aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, tem recreio até ás 9 horas.

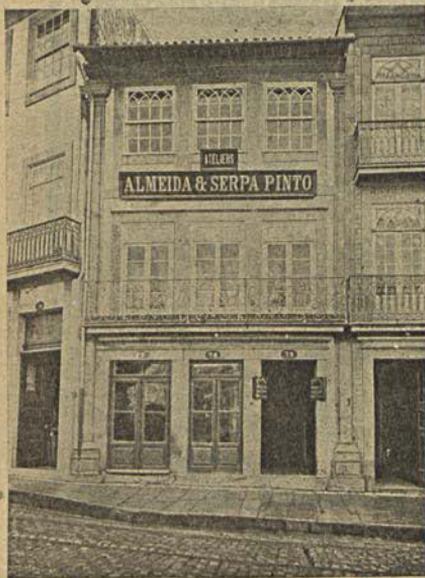
Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo tem logar o *lunch* e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de fiorete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Law-tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS

Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,
Londres e Berlin

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^s de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 a 38 A

FABRICA
DE
TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.^A

Escritorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45
CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação

BRINS e RISCADOS

DANIEL MONTEIRO D'ABREU
Agente dos BANQUEIROS
PINTO DA FONSECA & IRMÃO
DO
PORTO

SAQUES:

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas

» 800 » » Hespanha

» 3.600 » » Italia e Syria

» Londres e Paris

Por conta dos BANQUEIROS

PINTO DA FONSECA & IRMÃO

As letras entregam-se immediatamente

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

S. PAULO (BRASIL)

DROGARIA

E

Perfumaria

DE

J. AMARANTE & C.^A

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas
nacionais e estrangeiras

Accessorios para pharmaeias, vasilhames, etc.

Agua mineral natural de todas as procedencias.

Deposito permanente de todos os preparados
nacionais de Silva Araujo, Werneck, Orlando
Rangel, Granao e Freire de Aguiar.

Completo sortimento de perfumarias dos
maiores fabricantes francezes, inglezes e
norte-americanos.

Rua Direita, 11.

S. PAULO (Brasil).

Caixa postal, 149.

Bo Boticão Universal



Primeiro Deposito
de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

Grande HOTEL



O mais conceituado e respeitavel para familias

No centro da cidade

Accomodações de luxo.

Ar, luz e conforto.

Bonds á porta—Preços sem competencia

PROPRIETARIO

CARLOS SCHORCHT

R. de S. Bento, 49.

S. PAULO (Brasil).

Moinho Matarazzo

F. MATARAZZO & C.^A

3:000 saccos diarios

DAS

MARCAS

LILI-LIDIA-CLAUDIA-TOSCA
IDA E OLGA

SEMMOLA DE PRIMEIRA QUALIDADE

Rua Monsenhor Andrade, 88.

ESCRITORIO:

Rua 15 de Novembro, 26.

S. PAULO (BRASIL)

Novo Hotel do Guarujá

EMPRESA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL
Capital social 2.400.000.000 réis

13.600.000.000
De este total para el año 1914 são 13.115
PREVISÃO RESERVA E 332.200.000
Reserva para o ano seguinte, ordinária

Equateur Atlantique & Union Maritima
Companhia de navegação entre os mares do norte e do sul
e linhas de transporte de passageiros marítimos.

Directores — Lima Alegre & Filhos
LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.º



ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, III, 1.º — LISBOA



Agencia Financial
DE
PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica
portuguesa, fundada e amortizavel nos termos da legislação vi-
gente, e hem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA
GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em to-
das as capitães de districto e sedes dos conce-
lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

GUILHERME SILVA

Camisa, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



roupas bordadas
e camizetas
Enxovas em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldelas e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRAGAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

FOSFIODOGLICINA A

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhan,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,
na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resulta-
dos seguros e rapidos no tratamento das doenças aci-
ma indicadas, quer em crianças quer em adultos. É
agradavel á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a
opinião favoravel de professores da Escola Medica,
directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, nota-
veis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de
beneficencia do Porto.

MÁRCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 36300 réis; caixa
de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone. 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as Imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias
e drogerias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO



BERGMAN KOWARICK & C.º

Endereço Teleg.: BERKO—S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO—BRASIL

Escriptorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO

C. P. VIANNA & C.ª

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.ª

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

AGUAS MILAGROSAS

de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.º 31.

Endereço teleg.: — «VANINA».

Código teleg.: — RIBEIRO.

R. do Commercio, n.ºs 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

PORTO
REGISTRADA
MARCA DE COMMERCIO

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

